



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

MESTRADO EM PSICOLOGIA



**O ENVOLVIMENTO PATERNO EM FAMÍLIAS DE DIFERENTES NÍVEIS
SOCIOECONÔMICOS**

Quele de Souza Gomes Santos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Alvarenga

**Salvador, Bahia.
2015**

QUELE DE SOUZA GOMES SANTOS

O envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia do Desenvolvimento

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Alvarenga

Salvador, Bahia.
2015.

BIBLIOTECA ZUZA PEREIRA / FACULDADE REGIONAL DA BAHIA – UNIRB

Santos, Quele de Souza Gomes

S237e O envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos/
Quele de Souza Gomes Santos. -- Salvador, 2015.
84f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de
Psicologia, 2015.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Alvarenga.

1. Envolvimento paterno. 2. Nível socioeconômico. 3. Interação pai-
criança. I. Alvarenga, Patrícia. II. Universidade Federal da Bahia, Instituto de
Psicologia. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Instituto de Psicologia - IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

“O ENVOLVIMENTO PATERNO EM FAMÍLIAS DE DIFERENTES NÍVEIS SOCIOECONÔMICOS”

Quele de Souza Gomes Santos

BANCA EXAMINADORA:

Prof.ª Dr.ª Patricia Alvarenga (orientadora)
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof.ª Dr.ª Juliana Prates Santana
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof. Dr. Mauro Luís Vieira
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Salvador, 03 de julho de 2015.

AGRADECIMENTOS

Um coração grato (...) advém de expressarmos gratidão a nosso Pai Celestial por Suas bênçãos e às pessoas ao nosso redor por tudo o que elas nos proporcionam.

Thomas S. Monson

Este trabalho é fruto de muitas contribuições. Deste modo, agradeço:

Ao Pai Celestial e a Seu Filho Amado Jesus Cristo. Sem exercer fé Neles, não seria possível suportar a dor e superar o medo, recobrar as forças e continuar a caminhar mesmo quando tudo parecia impossível.

A minha família, em especial, ao meu esposo Benício Fagner, a minha mãe Maria Souza, aos meus filhos Maria Clara e Miguel, ao meu tio Moséis Souza, a minha irmã Kati Andrade e a minha sogra Zenaide Carvalho, pelo apoio e amor que sempre me ofertaram, pela compreensão, companheirismo e incentivo à carreira acadêmica. Não é fácil ser mãe, esposa, dona de casa, amiga, estudante e profissional. Se eu consegui chegar até aqui, foi graças ao apoio de vocês: muito obrigada! Amo vocês!

Ao querido amigo, Emanuel Palma, que, desde a época da graduação, tem me incentivado, acompanhado e ensinado. Dentre os pequenos gestos de amizade e lealdade, jamais esquecerei que, graças a você, consegui me inscrever a tempo para a seleção do mestrado. Muito obrigada!

Aos amigos que, ao longo do mestrado, tive o privilégio de conhecer e conviver: Luna Freitas, Aline Peixoto, Gustavo Siquara, Isa Patrícia, Gleice Quele e Gilcimar Dantas. Obrigada pelo companheirismo, escuta terapêutica, incentivo e apoio incondicionais: “As palavras de amizade e conforto podem ser curtas e sucintas, mas o seu eco é infundável” (Madre Teresa de Calcutá). Obrigada meninos!

A minha orientadora, Patrícia Alvarenga. Há, aproximadamente, oito anos, eu investia em seu projeto de pesquisa, e nos últimos dois anos, você acreditou e investiu no meu: Obrigada pelo seu compromisso em tornar este trabalho realidade!

Ao professor Igor Menezes, pela disponibilidade, empenho e apoio durante a análise dos dados.

As amigas, Janaína Nascimento e Luciana Maria Silva. A vocês, serei eternamente grata pela confiança, incentivo e apoio concedidos desde o primeiro dia em que nos conhecemos.

Aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a coleta e análise dos dados: Cristiane Nascimento, Prof. Alexandre Paupério, Sergio Menezes, Jamile Souza, Maria José Ferreira, Edirute de Jesus, Fernanda Manteli, Luciene Alves, Taiane Lins, Juliana Oliveira, Lucas Evangelista e Kamile Levek, Catiele Paixão, João Marcos de Oliveira, Letícia Marques.

Aos meus mais recentes, porém eternos amigos: Luciene e Luciane Alves, Nubia Modolon, Nayguel e Lenísia Costa, Lenine e Adriana Duarte, e Lourenço Martins. Obrigada pelo carinho, atenção e companheirismo!

RESUMO

O envolvimento paterno é um fenômeno complexo, influenciado por fatores individuais, contextuais e culturais, porém, existem controvérsias acerca do impacto desses fatores sobre a forma como o pai participará das atividades e cuidados que envolvem a criança. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi caracterizar o envolvimento paterno em pais de diferentes níveis socioeconômicos: nível socioeconômico alto, médio e baixo. Esperava-se que os pais de nível socioeconômico alto apresentassem maiores níveis de envolvimento paterno do que os pais de nível socioeconômico médio que, por sua vez, apresentariam maior níveis de envolvimento paterno do que os pais de nível socioeconômico baixo. Participaram do estudo 81 pais de crianças entre 4 e 6 anos de idade, de ambos os sexos, recrutados em escolas, organizações públicas e privadas da cidade do Salvador. Os pais foram divididos em três grupos de níveis socioeconômicos (NSE): NSE baixo (n= 31), NSE médio (n= 21) e NSE alto (n= 29). Para mensurar o envolvimento paterno foi utilizado o Questionário de Engajamento Paterno (*QEP*) e para avaliar o status socioeconômico da família foi utilizada a Escala Hollingshead (1975). A análise dos dados foi realizada através de procedimentos estatísticos descritivos e dos testes correlação de *Pearson*, ANOVA, ANCOVA e *Kruskal-Wallis*. Os resultados não indicaram diferenças entre os três grupos de NSE, exceto na dimensão *cuidados básicos*. Contudo, foram identificadas correlações positivas entre a escolaridade materna e paterna, a renda familiar, a idade paterna e materna e a dimensão *cuidados básicos*, bem como entre a escolaridade paterna e materna e *score total do QEP*. Adicionalmente, foi encontrada uma correlação positiva entre a carga horária de trabalho semanal materna e a dimensão *disciplina*, assim como correlações negativas entre a quantidade de pessoas que moravam na casa e o envolvimento do pai em atividades de *suporte emocional* e *jogos físico*. Apesar de o nível socioeconômico enquanto variável composta por diferentes indicadores combinados, não impactar diretamente na maior parte das dimensões do envolvimento paterno, os componentes específicos do NSE como escolaridade, renda e carga horária de trabalho semanal materna, foram variáveis relevantes para a compreensão do envolvimento paterno. Ressalta-se a importância de se continuar investigando o papel do pai, bem como as crenças e mecanismos culturais que podem mediar as diferentes formas com que os homens têm vivenciado novas atribuições no contexto familiar.

Palavras-chave: envolvimento paterno, nível socioeconômico, fatores sociodemográficos.

ABSTRACT

Paternal involvement is a complex phenomenon, influenced by personal, contextual and cultural factors; however, there are controversies about the impact of these factors on how fathers participate in activities and care involving the child. In this way, the goal of this study was to characterize the involvement of fathers in families with different socioeconomic status: low, middle and high. It was expected that high socioeconomic fathers related to higher levels of parental involvement than middle socioeconomic fathers, who, in turn, related to higher levels of parental involvement than low socioeconomic fathers. In this study, participated 81 fathers of children from four to six years old, from both sexes, recruited in public and private schools in the city of Salvador, Bahia. The fathers were divided into three groups of socioeconomic status (SES): low SES (n= 31), middle SES (n= 21) and high SES (n= 29). The Paternal Engagement Questionnaire (PEQ) was used to measure the father's involvement, and the Hollingshead Scale (1975) was used to measure the socioeconomic status of the family. Data analysis was conducted through descriptive statistics procedures and the Pearson correlation tests, ANOVA, ANCOVA and Kruskal-Wallis. Results show no differences in the groups, with the exception of the dimension basic care. Nevertheless, it was identified positive correlations between the age and education of the mother and the father, the income and the dimension basic care, as well as mother's and father's education and the total score on PEQ. Additionally, it was found a positive correlation between the mother's weekly workload and the dimension discipline, as well as negative correlations between the number of individuals living in the house and the father's involvement in emotional support activities and physical games. Although the socioeconomic status, as a variable composed by different factors combined, constituted as a factor with no influence in the majority of the father's involvement dimensions, specific components from the SES, such as education, income and mother's weekly workload, contributed as important variables for understanding the father's involvement. The importance to continue investigating the role of the father is emphasized, as well as the beliefs and cultural influences that may play a mediator role on the different ways men have experienced new attributions in the family context.

Key-words: father's involvement, socioeconomic status, sociodemographic factors.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Envolvimento Paterno.....	9
Medidas de Envolvimento Paterno	14
Preditores do Envolvimento Paterno	16
O impacto do nível socioeconômico da família sobre o envolvimento paterno	23
Justificativa e objetivos do estudo	28
MÉTODO	29
Participantes.....	29
Delineamento e Procedimentos.....	32
Considerações Éticas	33
Instrumentos.....	33
Análise de dados	36
RESULTADOS	38
Caracterização do envolvimento paterno nos três níveis socioeconômicos	38
Relações entre as características sociodemográficas das famílias e o envolvimento paterno.....	49
Diferenças no envolvimento paterno entre os três níveis socioeconômicos.....	51
DISCUSSÃO	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	64
ANEXO A.....	71
ANEXO B.....	72
ANEXO C.....	76
ANEXO D.....	77
ANEXO E.....	79
ANEXO F.....	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados Sociodemográficos dos Participantes	30
Tabela 2 – Teste do Quiquadrado de Monte Carlo	31
Tabela 3 – Avaliação da Saúde Mental Paterna.....	31
Tabela 4 – Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão <i>Abertura ao Mundo</i>	41
Tabela 5 – Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão <i>Cuidados Básicos</i>	42
Tabela 6 – Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão <i>Jogos Físicos</i>	43
Tabela 7 – Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão <i>Suporte Emocional</i>	43
Tabela 8 – Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão <i>Disciplina</i>	47
Tabela 9 – Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão <i>Tarefas de Casa</i>	47
Tabela 10 – Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão <i>Evocações</i>	48
Tabela 11 – Correlações entre as Dimensões e o Escore Total do QEP e as Características Sociodemográficas das Famílias.....	50
Tabela 12 – Correlações entre as Variáveis candidatas a Covariáveis e o NSE da Família ...	51
Tabela 13 – Média e Desvio-padrão dos Escores das Dimensões de Envolvimento Paterno nos Três Níveis Socioeconômicos, valores de F e p (ANCOVA)	53
Tabela 14 – Mediana e Desvio-padrão dos Escores das Dimensões de Envolvimento Paterno nos Três Níveis Socioeconômicos, valores de F e p (<i>Kruskal-Wallis</i>)	53
Tabela 15 – Mediana e Desvio-padrão dos Escores das Dimensões <i>Cuidados Básicos</i> , nos NSE Baixo e Médio, e valores de U e p (Teste de <i>Mann Whitney</i>)	54
Tabela 16 – Mediana e Desvio-padrão dos Escores das Dimensões <i>Cuidados Básicos</i> , nos NSE Médio e Alto, e valores de U e p (Teste de <i>Mann Whitney</i>)	54
Tabela 17 – Mediana e Desvio-padrão dos Escores das Dimensões <i>Cuidados Básicos</i> , nos NSE Baixo e Médio, e valor de U e p (Teste de <i>Mann Whitney</i>)	54

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Relações entre modelo teórico e instrumento utilizado para a investigação do Envolvimento Paterno.....	35
---	----

INTRODUÇÃO

Existe um consenso na literatura acerca das contribuições dos cuidadores para o desenvolvimento infantil, bem como sobre a importância de se investigar como essas relações ocorrem e quais são os fatores que influenciam as estratégias educativas empregadas, tanto pelos pais quanto pelas mães, na criação dos filhos (Bem & Wagner, 2006).

Fatores contextuais como a cultura, as crenças e o nível socioeconômico podem influenciar, direta ou indiretamente, o comportamento parental. Até o início da década de 1970, por exemplo, os estudos acerca dos padrões de interação entre cuidadores e crianças, privilegiavam a relação mãe-criança em detrimento da relação pai-criança. Contudo, devido a mudanças sociais e culturais como, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a divisão de tarefas domésticas entre os cônjuges e a ascensão do movimento feminista, essa realidade vem, aos poucos, sendo alterada, e evidenciando a importância do pai para o desenvolvimento socioemocional da criança.

Nesse novo contexto, as implicações do cuidado paterno para a criança, bem como quais são os fatores que contribuem para a promoção desse cuidado têm se tornado foco de muitas investigações. Alguns estudos, por exemplo, têm indicado que tanto a frequência quanto a qualidade da interação pai-criança estão claramente associadas positivamente ao desempenho acadêmico e prevenção da delinquência infanto-juvenil (Storhaug, 2013) quanto no desenvolvimento social e comportamental (Gomes, Crepaldi & Brigas, 2013; Storhaug, 2013), psicológico e cognitivo das crianças (Pancsofar, Vernon-Feagans & Odom, 2013). Essa influência parece configurar-se mais ainda como fator protetivo para o desenvolvimento da criança, de acordo com Storhaug (2013) e Pancsofar, Vernon-Feagans e Odom (2013) em famílias cujo nível socioeconômico é baixo ou médio. Além disso, fatores como, escolaridade, nível socioeconômico e carga horária de trabalho parecem influenciar, positiva ou negativamente, o quanto o pai se envolve na criação dos filhos (Amato & Rivera, 1999; Bossardi, Gomes, Crepaldi, Vieira & Crepaldi, 2013; Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008; Souza & Benetti, 2008).

Desse modo, este estudo teve como objetivo caracterizar o envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos, a partir da comparação de como esse fenômeno ocorre em três grupos constituídos por pais com diferentes tipos de ocupação e níveis de escolaridade. Para tanto, será apresentado, inicialmente, o conceito de envolvimento paterno, assim como suas dimensões. Em seguida, os preditores do envolvimento paterno serão discutidos e, por fim, será examinada a relação entre envolvimento paterno,

escolaridade e ocupação do pai, critérios comumente utilizados para caracterizar o nível socioeconômico das famílias.

Envolvimento Paterno

A socialização infantil se inicia na família e possibilita à criança aprender as habilidades iniciais que lhe permitirão relacionar-se com outras pessoas em diferentes contextos. Nessa perspectiva, torna-se evidente que as relações iniciais da criança com seus cuidadores, ainda nos seus primeiros anos de vida, são importantes e contribuem para o seu desenvolvimento socioemocional (Ceconelo, De Antoni & Koller, 2003, Cole & Cole, 2003, 2006; Gil, Oliveira & Sousa, 2012).

De acordo com Borsa e Nunes (2011), as funções parentais foram construídas, ao longo dos tempos, através de aspectos sociais, políticos, culturais e religiosos. Nos séculos XVIII e XIX, foram conferidos ao pai e à mãe papéis distintos, sendo as mães, as cuidadoras e responsáveis pelo desenvolvimento da criança e, o pai, o provedor financeiro. No entanto, mudanças sociais e econômicas, como a inserção da mulher no mercado de trabalho, a divisão de tarefas domésticas entre os cônjuges, a ascensão do movimento feminista e o reconhecimento da importância do pai para o desenvolvimento infantil têm provocado alterações significativas no exercício da paternidade (King, 2003; Padro, Piovanotti & Vieira, 2007; Bustamante & Trad, 2005; Souza & Benetti, 2008; Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2010; Seabra & Seidl-de-Moura, 2012).

O pai, que até meados do século XX, tinha como tarefa primordial prover a família, começou a ser convidado a participar mais efetivamente dos cuidados com a criança. Se antes ele trabalhava e sustentava a família, no final do século XX e início do século XXI, ele passou também a se envolver, nos cuidados diretos e indiretos com a educação e a saúde da criança, e lhe oferecer carinho e atenção. Tais transformações têm motivado diversas investigações acerca da paternidade e da relação pai-criança (Marsiglio & Pleck, 2005; Cabrera, Fitzgerald, Bradley & Roggman, 2007; Borsa & Nunes, 2011; Seabra & Seidl-de-Moura, 2012)

De acordo com Marsiglio e Pleck (2005), essas investigações visam a compreender os aspectos emocionais, psicológicos e comportamentais referentes à participação do pai no desenvolvimento da criança e, um conceito fundamental, que tem sido utilizado para se referir não só ao tempo gasto pelo pai com a criança, mas também às práticas e aos padrões

de interação estabelecidos entre o pai e seus filhos é o de envolvimento paterno (Lamb et. al., 1985, Marsiglio & Pleck, 2005; Pleck, 2010).

Inicialmente, o envolvimento paterno era compreendido a partir de três componentes: interação, acessibilidade e responsabilidade. Conforme Lamb et al. (1985), a interação referia-se a quanto o pai tinha contato direto com a criança, seja por meio de cuidados como, alimentar, dar banho ou cortar as unhas da criança, seja por meio de brincadeiras ou atividades compartilhadas. A acessibilidade denotava o quanto o pai estava disponível para interagir com a criança, sendo presente no seu cotidiano ou realizando atividades de cuidados indiretos. Nesse componente incluíam-se comportamentos paternos como, ouvir a criança ou brincar com a criança quando solicitado, isto é, este componente contempla o fato de o pai estar disponível para realizar atividades com a criança, sem necessariamente fazê-lo. Por fim, o terceiro componente, a responsabilidade, referia-se ao papel do pai de providenciar e ou assegurar recursos para a criança. Esse conceito de responsabilidade referia-se a condutas como, comprar roupas novas para a criança quando necessário, levá-la ao médico, ou ainda escolher a escola na qual a criança estudaria (Lamb et al., 1985; Pleck, 2010).

Os estudos realizados a partir dos componentes supracitados, segundo Lamb et al. (1985), tendiam a mensurar a quantidade de tempo que o pai dispndia com ou para a criança. Esses estudos revelaram mudanças no comportamento paterno no decorrer dos anos. Até a década de 1930, por exemplo, quando entrevistados, os pais relatavam que quem costumava ficar mais tempo com a criança era a mãe. No entanto, a partir da década de 1970, as investigações já mostravam que a quantidade de tempo compartilhado em atividades que reuniam pai e filho, seja em interação direta ou indireta tinha aumentado significativamente (Hall, 2005).

Conforme Marsiglio e Pleck (2005) e Pleck (2010), com o aumento da quantidade de tempo dispendido pelo pai nos cuidados e interação com a criança, emergiu o interesse em se estudar como a presença do pai contribuía para o desenvolvimento infantil. Segundo os autores, já se observavam diferenças no desenvolvimento de crianças cujos pais estavam mais envolvidos, quando comparado ao desenvolvimento de crianças cujos pais se envolviam menos. Dessa maneira, as investigações acerca do envolvimento paterno, a partir dos anos de 1980, buscavam compreender como as práticas e padrões de interação entre o pai e a criança repercutiam no desenvolvimento infantil.

Diante da crescente demanda pela compreensão das relações existentes entre envolvimento paterno e desenvolvimento infantil e das dificuldades, segundo Pleck (2010),

encontradas pelos pesquisadores em operacionalizar algumas das dimensões do envolvimento paterno como a acessibilidade e a responsabilidade, o modelo teórico proposto por Lamb et al. (1985) foi revisado. Além dos desafios relacionados a esses fatores, Pleck (2010) também apontou para falhas metodológicas como, por exemplo, a mensuração do envolvimento paterno somente a partir da quantidade de tempo que o pai ficava com a criança, e a utilização de definições advindas de outros referenciais teóricos como fatores que contribuíram para a fragilidade do modelo proposto por Lamb et al. (1985).

Nesse sentido, o novo modelo proposto por Pleck (2010) teve como finalidade contemplar tanto o tempo quanto a qualidade das práticas e padrões de interação entre o pai e a criança, assim como agregar valor à teoria a partir de outros modelos teóricos, como o de estilos parentais. O envolvimento paterno passou então a ser compreendido a partir de cinco dimensões. Essas dimensões derivaram do modelo teórico proposto por Lamb et al. (1985) e buscam ampliar o conceito de envolvimento paterno, definindo-o como um conjunto de comportamentos, afetos, percepções e crenças do pai em relação ao seu filho.

No novo modelo, a dimensão interação passou a ser chamada engajamento positivo em atividades. A categoria disponibilidade foi ampliada e foi denominada afeto/responsividade, ao passo que, a dimensão responsabilidade foi segmentada em duas novas dimensões, cuidados indiretos e processo de responsabilidade. Além dessas alterações, foi adicionada ao novo modelo a dimensão controle. Desse modo, o envolvimento paterno compreende cinco dimensões distintas que se relacionam entre si: *engajamento positivo em atividades, afeto/responsividade, controle, cuidados indiretos e processo de responsabilidade*. As cinco dimensões são definidas e exemplificadas a seguir, com base no estudo de Pleck (2010).

O engajamento positivo em atividades refere-se à interação direta do pai com a criança. Essa dimensão compreende comportamentos do pai como dar banho na criança ou alimentá-la, ajudar ou ensinar alguma habilidade, conversar, brincar com a criança em casa ou levá-la para sair ou brincar em outros ambientes. A dimensão afeto/responsividade diz respeito à capacidade do pai de prover suporte emocional para seus filhos e expressar seus sentimentos em relação aos mesmos. Demonstrar afeto pela criança através de gestos ou palavras corresponde a comportamentos paternos dessa dimensão.

O controle é a dimensão do envolvimento paterno que compartilha alguns aspectos conceituais com a noção de estilo parental autoritativo (Baumrind, 1966), referindo-se ao exercício paterno de monitorar as atividades da criança, estabelecer regras de conduta, disciplinar a criança por meio de práticas não coercitivas, bem como o conhecimento do pai

acerca da rotina da criança. A dimensão dos cuidados indiretos divide-se em duas categorias e são entendidos como a realização, por parte do pai, de atividades para a criança sem que ocorra a interação direta. As duas categorias de cuidados indiretos são *cuidados indiretos materiais* e *cuidados indiretos específicos*. A primeira categoria, cuidados indiretos materiais, envolve comportamentos como comprar e organizar bens e serviços para a criança. Já os cuidados indiretos específicos referem-se a condutas como agendar uma consulta médica para a criança ou escolher a escola na qual o filho estudará.

O conceito de processo de responsabilidade, como última dimensão do envolvimento paterno, refere-se ao comportamento de tomar a iniciativa e monitorar o comportamento, as atividades e outros aspectos da vida da criança independentemente da divisão de tarefas preestabelecida com a mãe. Os pais, que, geralmente, são considerados coadjuvantes quando se trata de cuidar dos filhos, de acordo com essa dimensão, também se tornariam protagonistas nesse processo, tendo em vista que sempre deveriam estar atentos e disponíveis para sanar as necessidades físicas e emocionais da criança, transformando a responsabilidade em um processo contínuo e dinâmico.

Nessa perspectiva, o processo de responsabilidade implica em o pai dividir igualmente a responsabilidade pela criação dos filhos, assim como participar ativamente do desenvolvimento da criança. No caso de crianças pré-escolares, o fato de o pai oferecer cuidados primários sem que a criança solicite ou que a mãe tenha acordado isso previamente com ele, seria um exemplo de processo de responsabilidade.

Diante desse novo contexto, várias pesquisas têm sido realizadas com o intuito de se investigar como o pai participa nos cuidados e atividades com a criança. Wagner, Predebon, Mosmann e Versa (2005), por exemplo, realizaram uma análise acerca de como ocorre a divisão de tarefas entre pais e mães a partir do relato de 100 pais e mães de crianças entre sete e 12 anos de idade residentes em Porto Alegre. Foi investigado, por meio de um questionário construído pelas pesquisadoras, aspectos como exercício da disciplina, suporte afetivo, educação básica relacionada à higiene, compromisso com a escola, lazer e sustento econômico.

Nesse estudo constatou-se o surgimento de dois grupos distintos no que tange a responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos. O primeiro grupo, composto por 49% dos participantes, tem a mãe como principal cuidadora e responsável pela educação dos filhos, sendo o pai o principal provedor financeiro. Já o segundo grupo, foi formado por 51% dos participantes, que relataram a existência de uma divisão de tarefas entre pai e mãe em atividades relacionadas à higiene, educação, suporte afetivo e sustento econômico. Tal

diferenciação, segundo as autoras, demonstra que a divisão das tarefas domésticas, criação e educação dos filhos não estão acompanhando o ritmo das mudanças vivenciadas pelos vários arranjos familiares e mudanças contemporâneas.

Nessa mesma direção, Seabra e Seidl-Moura (2012) investigaram quais eram os cuidados paternos ocorridos nos três primeiros meses de vida da criança. Participaram desse estudo sete famílias residentes na cidade do Rio de Janeiro. As autoras constataram que a maioria dos pais entrevistados tinha predileção por brincar e passear com seus filhos, sendo as atividades de higiene as relatadas como menos realizadas ou prediletas pelos pais.

Já Souza e Moreira (2012) buscaram identificar como casais com filhos pequenos se organizavam a fim de conciliar as demandas advindas da criação dos filhos, vida conjugal e do ambiente de trabalho. Participaram dessa pesquisa 30 pais e 30 mães residentes em Santo Antônio de Jesus, no interior da Bahia. De acordo com as autoras, constatou-se que ainda prevalece uma maior participação das mulheres nos afazeres domésticos, cuidado e educação dos filhos, mesmo quando elas exercem alguma atividade profissional fora do lar e os homens se mostrem mais participativos e disponíveis para dividirem tais tarefas. Nesse caso, os homens ainda são considerados coadjuvantes no exercício das tarefas domésticas e cuidados com os filhos (Lamb, 2010; Borsa & Nunes, 2011; Souza & Moreira, 2012; Dessen & Oliveira, 2013).

Apesar de o pai ainda ser considerado coadjuvante nos cuidados com os filhos, Cia, Williams e Aiello, (2005) sugerem, em revisão de literatura sobre as influências paternas no desenvolvimento infantil, que a participação do pai na criação dos filhos vem aumentando com o decorrer dos anos, indicando que pais e mães possuem funções diferentes e que os pais também são capazes, tanto quanto as mães, de serem sensíveis e responsáveis na interação com os filhos. Apesar dessas constatações, ainda se percebe uma tendência no pai de se envolver mais em brincadeiras e jogos do que em atividades de cuidado com a criança. Tal fenômeno sugere a necessidade de se realizar atividades que ofereçam suporte adequado a pais e mães a fim de que a divisão de tarefas no que compete ao desenvolvimento dos filhos seja mais igualitária e benéfica para a criança (Bustamante & Trad, 2005; Lamb, 2010; Borsa & Nunes, 2011; Souza & Moreira, 2012; Dessen & Oliveira, 2013).

Apesar do crescente interesse pelos pesquisadores brasileiros em investigar o envolvimento paterno (Souza & Benetti, 2008; Seabra & Seidl-de-Moura, 2012; Bossardi, Gomes, Vieira, & Crepaldi, 2013; Gomes, Crepaldi & Brigas, 2013), observa-se que, no contexto brasileiro, não existe um instrumento validado com o objetivo de avaliar o

envolvimento do pai com a criança, o que pode contribuir para que esse fenômeno seja pouco caracterizado em nossa cultura.

Medidas de Envolvimento Paterno

As investigações sobre a interação pai-criança, geralmente, buscam compreender a participação do pai no desenvolvimento infantil a partir de questionários ou entrevistas que, em sua maioria, são respondidos pelos pais ou mães. O Inventário de Envolvimento Paterno, por exemplo, foi construído por Hawkins et al. (2002). As propriedades psicométricas do instrumento foram analisadas em uma amostra de 723 pais, e consideradas satisfatórias. O Inventário de Envolvimento Paterno é constituído por 26 itens que tem como objetivo caracterizar o envolvimento paterno a partir de nove dimensões: 1) sustento, 2) suporte materno, 3) disciplina e ensino de responsabilidade, 4) incentivo na escola, 5) elogio e carinho, 6) convivência e conversa, 7) estar atento ao cotidiano dos filhos, 8) ler para os filhos, 9) incentivo ao desenvolvimento dos talentos dos filhos. Cada item é respondido de acordo com uma escala Likert que varia de 0 a 6, onde 0 corresponde a ruim e 6 a excelente. Além dessas opções, o pai pode responder também não se aplica. As respostas geram escores que podem ser obtidos por meio da média das respostas dos 26 itens ou pela média de respostas de cada dimensão.

Já a Escala de Envolvimento Paterno é um instrumento validado em Portugal com uma amostra composta por 154 pais de crianças em idade escolar e, de acordo com Simões, Leal e Maroco (2010), tem como objetivo mensurar a percepção paterna da frequência com que ocorrem determinadas situações relacionadas com os cuidados e educação das crianças, e o cotidiano familiar. Além disso, o instrumento também se propõe a avaliar a percepção paterna de possíveis diferenças entre o envolvimento do pai e o envolvimento da mãe. Para tanto, a escala é constituída por 21 itens, cujas respostas podem variar, conforme uma escala do tipo Likert, sendo as opções de resposta operacionalizadas de diferentes formas, em função do tipo de questão apresentada.

Os primeiros 18 itens da escala, por exemplo, se referem à frequência com a qual o pai realiza atividades de cuidados e educação, assim como está presente em atividades do cotidiano familiar como jantar ou lanchar com a criança. Para essas questões, as respostas podem variar de 1 a 5, onde 1 corresponde a nunca e 5 a sempre. Já os itens 19 e 20, que dizem respeito a quem decide sobre aspectos da disciplina e maturidade da criança para experimentar novas situações, as respostas podem também variar de 1 a 5 e correspondem,

respectivamente, a sempre a mãe ou sempre o pai. Por fim, o item 21 refere-se a como o pai classifica o seu nível de envolvimento com a criança, sendo 5 muito envolvido e 1 nada envolvido. Dessa maneira, a caracterização do envolvimento paterno é realizada através do cálculo das médias obtidas por meio Escala de Envolvimento Paterno em todas as dimensões (escore geral) e em cada dimensão (escore por dimensão).

No Brasil, também foram desenvolvidos instrumentos com o propósito de avaliar o envolvimento paterno, porém esses instrumentos ainda não foram validados, apesar de apresentarem propriedades psicométricas satisfatórias. A Avaliação do Bem-estar Pessoal e Familiar e do Relacionamento Pai-filho - Versão Paterna é um instrumento desenvolvido por Cia (2005), e que inclui três escalas cujas respostas são codificadas a partir de uma escala do tipo Likert. A primeira escala é a de comunicação (verbal e não verbal) entre pai e filho. Esta escala é constituída por 22 itens, com a pontuação dos itens variando entre 0, nunca, e 365, uma vez por dia. Já a segunda escala refere-se a participação do pai nos cuidados com o filho, composta por 14 itens, cujas respostas podem variar entre 1, nenhuma participação e 5, muita participação. Por último, a terceira escala que diz respeito a participação do pai nas atividades escolares, culturais e de lazer do filho e é constituída por 19 itens, com a pontuação dos itens variando entre 0, nunca a 365, uma vez por dia. A partir das respostas dos pais obtém-se o cálculo das médias obtidas por meio das escalas, gerando um escore total (as três escalas) ou um escore por escala.

Já o Inventário de Práticas Parentais é um instrumento composto por 16 itens distribuídos em quatro dimensões distintas: 1) envolvimento afetivo, 2) didática, 3) disciplina e 4) aspectos sociais do envolvimento parental. Cada dimensão possui quatro afirmativas, às quais o respondente (pai ou mãe) concorda ou não. Segundo Benetti e Balbinotti (2003), o instrumento possibilita a identificação das práticas parentais de socialização em relação ao suporte emocional/hostilidade e coerção crianças em idade escolar através de um escore total que é calculado somando-se as respostas dos pais a cada item. Apesar dessa escala ser utilizada para investigar o envolvimento paterno, ressalta-se que a mesma não foi construída com para essa finalidade.

Por fim, o Questionário de Engajamento Paterno (QEP) trata-se de um instrumento que possibilita a caracterização do envolvimento paterno através do relato do pai acerca da frequência com que participa dos cuidados e atividades com a criança a partir de sete dimensões: 1) suporte emocional, 2) abertura ao mundo, 3) cuidados de base, 4) jogos físicos, 5) evocações, 6) disciplina, e 7) tarefas de casa. Cada item deve ser respondido de acordo com a frequência com que o pai realiza as atividades descritas. Essas respostas são

registradas em duas escalas Likert, uma escala absoluta que varia de de 0 a 5, na qual 0 corresponde à opção “não se aplica” e 5 corresponde à opção “sempre” e outra uma escala relativa que varia de 0 a 6, na qual 0 corresponde à opção “nunca” e 6 corresponde à opção “todos os dias” A caracterização do envolvimento paterno é realizada através do cálculo das médias obtidas por meio do QEP em todas as dimensões e em cada dimensão. A versão original desse instrumento foi elaborada por ProsPère e validada no Canadá com uma amostra de 850 pais (Paquette, Bolte, Turcotte, Dubeau & Bouchard, 2000) de crianças em idade escolar. No Brasil, esse instrumento foi adaptado por Gomes, Crepaldi e Bigras (2013) e vem sendo utilizado por pesquisadores do sul do país.

Conforme exposto, considera-se que o campo do conhecimento voltado para a construção, utilização e validação de instrumentos cujo objetivo seja avaliar o envolvimento paterno, caracteriza-se pela escassez de medidas adequadas a esse propósito, bem como pela eminente demanda de se investir na adaptação e validação de instrumentos já utilizados internacionalmente. Tal situação justifica, portanto, a preponderância de estudos qualitativos em detrimento de estudos quantitativos acerca da participação do pai em atividades e cuidados com a criança (Gomes *et al.*, 2014).

Além da construção e validação de instrumentos de medida para mensurar o envolvimento paterno, torna-se cada vez mais relevante investigar os fatores que predizem o maior ou menor envolvimento do pai com a sua criança. Esses aspectos serão discutidos na próxima seção.

Preditores do Envolvimento Paterno

Os preditores são considerados variáveis capazes de aumentar a probabilidade de que um fenômeno ocorra (Creswell, 2010). No que se refere ao envolvimento paterno, os preditores destacados pela literatura estão relacionados a aspectos biológicos e individuais do pai, a características individuais da criança e a aspectos contextuais e socioeconômicos.

De acordo com Manfroi, Macarini e Vieira (2011), os aspectos biológicos dizem respeito a características que foram selecionadas na história de evolução da espécie. Nunes e Vieira (2009) e Vieira, Rimoli, Prado e Chelini (2009), por exemplo, citam alguns fatores biológicos que contribuíram para o aumento do envolvimento paterno entre os humanos. O primeiro refere-se à relação custo/benefício energético. Seria mais benéfico e menos custoso para um homem, investir na preservação de sua descendência ofertando cuidados e sustento do que investir no esforço de acasalamento, tendo em vista que ao investir no acasalamento

terá que disputar a fêmea com outros machos colocando em risco sua própria vida e a possibilidade de gerar descendentes.

O segundo motivo diz respeito à certeza da paternidade. O grau de envolvimento do pai com a criança seria predito pela certeza de que a criança é seu filho biológico. Essa certeza funcionaria como preditor na medida em que, para o pai, o fato de a criança carregar seus genes garantiria a probabilidade de ele ter uma descendência. O terceiro aspecto refere-se à importância atribuída à sexualidade e à intimidade entre os humanos. De acordo com os autores citados, o prazer obtido através das relações sexuais contribuiria para a manutenção da intimidade, amizade e amor, induzindo o homem a permanecer mais tempo com a mulher e a investir em sua prole. E, por último, os autores abordam a imaturidade e vulnerabilidade inerente ao bebê humano como variável propulsora do envolvimento paterno, pois devido a essas características, o filhote humano exigiria mais cuidados parentais do que filhotes de qualquer outra espécie, tendo o pai que investir mais nos cuidados diretos e indiretos da prole a fim de mantê-la viva.

Em relação às influências das características individuais paternas sobre o nível de envolvimento com a criança, Gaertner, Spinrad, Eisenberg e Greving (2007) buscaram investigar as relações entre o relato de práticas educativas tanto do pai quanto da mãe e o envolvimento dos pais com crianças cuja idade variou entre seis e oito meses de idade, no início do estudo. O estudo foi realizado em duas fases. A amostra inicial era composta por 276 famílias. Na primeira fase, quando as crianças tinham entre seis e sete meses, as famílias foram convidadas a participar da pesquisa, sendo as informações sociodemográficas registradas, caso eles aceitassem o convite. Além dos dados sociodemográficos, nessa fase, os pais também foram convidados a responder um Questionário sobre Ideias Parentais. O questionário era composto por 24 itens divididos em duas dimensões: atitudes autoritárias (10 itens) e atitudes protetivas (14 itens). Na segunda fase, quando a criança tinha cerca de 14 meses, os pais foram convidados a registrar, em um protocolo construído pelos pesquisadores, a frequência de seus comportamentos diários em relação a ela. Nesta etapa, somente 156 famílias cumpriram esse requisito.

Os resultados desse estudo indicaram que pais cujas percepções e atitudes eram mais autoritários, apresentavam menor envolvimento com as crianças em atividades de cuidados, jogos e quando era necessário acalmar o bebê. De acordo com os autores, essa relação evidencia o quanto as percepções de gênero podem permear as atitudes paternas em relação a sua participação na criação dos filhos, tornando-o menos envolvidos com suas crianças.

No que tange a idade do pai, alguns estudos têm demonstrado que, quanto mais jovem é o pai mais envolvimento ele demonstra com seu filho. Amato e Rivera (1999), por exemplo, constataram que quanto menos idade tinham os pais, mais envolvidos eles estavam com os seus filhos. Nesse estudo, não foram especificadas em quais dimensões os pais estavam mais envolvidos, tendo em visto que o objetivo foi investigar as relações entre envolvimento paterno e problemas de comportamento na infância e adolescência.

Já Monteiro et al. (2010) verificaram que pais com mais idade são menos envolvidos em atividades de cuidados indiretos, sendo os pais mais jovens, mais envolvidos nessas atividades e Perry, Harmon e Lepp (2011) comprovaram, por meio de um estudo comparativo entre pais negros casados e pais negros não casados legalmente, que quanto mais jovem era o pai mais envolvido ele era com o seu filho. Isto é, quanto mais idade o pai tem, menos envolvido ele é com a sua criança.

Em contrapartida, Castillo, Welch e Sarver (2011) verificaram que pais mais velhos estavam mais envolvidos com seus filhos do que pais mais novos. Lima (2008) apoia esse achado, uma vez que os resultados do seu estudo acerca de como os pais participavam das atividades de socialização de crianças em idade escolar indicaram que pais mais velhos tendem a assumir mais responsabilidades e estão mais acessíveis e em interação do que os pais mais novos.

Não obstante os estudos citados, Souza e Benetti (2008), Pimenta et al., (2010), Rienks et al. (2011), Bossardi et al. (2013), Coates e Phares (2013) não encontraram associação entre a idade do pai e o nível de envolvimento paterno revelando que ainda não existe consenso na literatura acerca da influência da idade paterna sobre o seu envolvimento com a criança. Ainda nessa perspectiva, é questionável se existe uma relação contundente entre a idade paterna e seu envolvimento com a criança, considerando que quando os pais são mais jovens podem apresentar mais predisposição para interagir com a criança devido as suas condições físicas e mudanças culturais já vivenciadas ao passo que pais mais velhos também podem ser mais envolvidos em virtude da maturidade emocional e estabilidade profissional já adquirida.

Outro aspecto importante inerente às características individuais, nesse contexto, é a saúde mental do pai, tendo em vista que o comprometimento da mesma tem implicações significativas na vida do indivíduo. Interessados nessas relações, Rienks, Wadsworth, Markman, Einhorn e Etter (2011) realizaram um estudo de intervenção com 137 pais, oriundos de classes populares urbanas dos Estados Unidos, a fim de melhorar os níveis de envolvimento paterno apresentado pelos mesmos. A intervenção consistia na participação dos

pais em um programa de educação, com carga horária de 14 horas, que os ensinava habilidades e princípios para relacionamentos saudáveis. Participaram do programa 112 pais. Apesar de, durante o estudo, os autores perceberem que alguns fatores como, renda, religiosidade, etnia e aliança parental, prediziam melhor o envolvimento paterno, foi constatado que o envolvimento paterno estava negativamente associado ao humor deprimido, à ansiedade e aos eventos de vida estressantes. Ou seja, quanto mais humor deprimido, ansiedade e exposição a eventos estressores, menos envolvido o pai era com a sua criança.

Nessa mesma perspectiva, Souza e Benetti (2008) ao investigarem aspectos do envolvimento paterno em uma amostra constituída por 188 homens usuários dos serviços da Fundação Gaúcha de Trabalho e Ação Social de duas cidades do sul do Brasil, constataram que pais que não apresentavam sintomas depressivos eram envolvidos com seus filhos de forma mais positiva, já que demonstravam mais afeto e disponibilidade do que os pais que apresentavam sintomas depressivos. Além disso, pais não deprimidos eram mais disciplinadores do que pais com sintomas de depressão. Ainda nessa direção, Perry, Harmon e Leeper (2011) concluíram que baixos níveis de estresse parental predisseram maior nível de envolvimento paterno em pais casados. Ademais, esses pesquisadores também demonstraram que pais que tinham uma percepção mais positiva acerca deles mesmos e de seus comportamentos paternos apresentavam maiores níveis de envolvimento.

Esses resultados evidenciam que as condições de saúde do pai repercutem no seu envolvimento com a criança. Isso se deve ao fato de que pais com problemas de saúde tendem a estar mais vulneráveis e preocupados com sua condição, apresentando déficits de habilidades emocionais, cognitivas e físicas.

Já em relação às características individuais da criança, Seabra e Seidl-Moura (2012) realizaram um estudo, buscando investigar quais eram as práticas de cuidados paternos nos primeiros três meses de vida da criança, e verificaram que quanto menor a idade do filho, menor era a participação paterna. Relação contrária foi encontrada por Rienks et al. (2011) que verificaram que, quanto mais velha era a criança, menor era o envolvimento do pai. Contudo, é importante destacar que a faixa etária investigada no primeiro estudo foi de crianças com até três meses de idade, enquanto que, no segundo estudo a média de idade das crianças foi 9,06 anos e os pais estavam participando de um programa de intervenção com o objetivo de aumentar o nível de envolvimento paterno. Na mesma direção dos achados de Rienks et al. (2011), Cia, Williams e Aiello (2005), constataram que os pais passam mais tempo cuidando do filho nos primeiros doze meses de vida do que quando a criança é maior. Após os primeiros anos da infância, os pais dispendem mais tempo com os filhos quando

esses são pré-escolares do que quando estão em idade escolar. Esses dados podem se justificar, parcialmente, pelo fato de que, quando pequenas, as crianças demandam mais cuidados dos pais, ao passo que, quando crescem, os pais tendem a se envolver mais em atividades de lazer e disciplina. (Lamb, 2010; Borsa & Nunes, 2011; Souza & Moreira, 2012; Dessen & Oliveira, 2013).

Ainda com relação à idade da criança, Monteiro et al. (2010) investigaram a percepção do pai acerca do seu envolvimento, em comparação à mãe, em cinco diferentes domínios do cuidado infantil (cuidados diretos e indiretos, ensino/disciplina, brincadeira e lazer fora de casa) em uma amostra de 110 famílias com crianças em idade escolar. Os autores constataram que não existia relação entre a idade da criança e o envolvimento paterno.

Outra característica da criança que tem sido analisada como um possível preditor do envolvimento paterno é o temperamento da criança. O mesmo estudo, de Monteiro et al. (2010) não encontrou relações entre nível de envolvimento paterno e o temperamento infantil. Em contrapartida, McBride, Schoppe e Rane (2002), ao pesquisarem relações entre características da criança, estresse parental e envolvimento parental, verificaram que o temperamento da criança pode influenciar o nível de envolvimento do pai com ela. Participaram desse estudo 100 pais oriundos de comunidades do centro-oeste dos Estados Unidos. A média da idade das crianças foi 47,6 meses, sendo a amostra composta por 52 meninos e 48 meninas. O temperamento infantil foi avaliado através da Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil e foi respondido tanto pelo pai quanto pela mãe da criança. O instrumento era constituído por 48 itens que descreviam comportamentos de crianças entre três e sete anos de idade. As respostas foram codificadas a partir de uma escala que variava de 1 a 7, na qual 1 correspondia a quase nunca e 7 a quase sempre. Esse instrumento mensurava seis dimensões do temperamento infantil: 1) atividade, 2) adaptabilidade, 3) aproximação/retraimento, 4) intensidade emocional, 5) distractibilidade e 6) persistência. Os autores constataram que os pais eram menos envolvidos com crianças menos sociáveis do sexo feminino, entretanto, essa mesma relação não foi verificada quando se tratava de pais de meninos, pois não houve diferenças no envolvimento paterno nesse grupo.

No que concerne ao sexo da criança, McBride, Schoppe e Rane (2002) constataram que os pais são mais envolvidos com os meninos do que com as meninas. Nessa mesma direção, Lima (2008) realizou um estudo a fim de investigar a quantidade de horas e os padrões de envolvimento do pai em tarefas de socialização de seus filhos em idade pré-escolar. Para tanto, o autor investigou, através de protocolos e escalas, como os pais

participavam das tarefas de socialização de seus filhos. Participaram dessa investigação 60 pais e mães portugueses, cujos filhos tinham entre três e cinco anos de idade. Segundo o autor, os pais assumiam maior responsabilidade pelas tarefas de socialização dos filhos nos fins-de-semana, e privilegiava mais a interação com eles do que com as filhas. A hipótese de que o pai se envolve mais com os filhos do que com as filhas também foi corroborada por Monteiro et al. (2010). Esses autores verificaram que os pais participavam mais dos cuidados indiretos e das atividades de brincadeira com os meninos do que com as meninas.

Em contrapartida, outras investigações indicam que não existem diferenças no nível de envolvimento paterno em função do sexo da criança. Gaertner et al. (2007), por exemplo, ao examinarem as práticas educativas de pais comparadas às práticas educativas das mães, verificaram que a participação paterna não diferiu em função do sexo da criança. Corroborando esse achado, Monteiro et al. (2008) realizaram uma investigação acerca do envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura em crianças portuguesas e não encontraram diferenças significativas na participação do pai, tanto em atividades práticas quanto em atividades lúdicas, relacionadas ao sexo da criança. Ou seja, nesse estudo, o pai apresentou o mesmo nível de envolvimento tanto com os filhos quanto com as filhas. Participaram dessa pesquisa 44 famílias portuguesas cujas crianças tinham entre 29 e 38 meses de idade. O envolvimento paterno foi avaliado por meio de um questionário elaborado pelos pesquisadores que tinha como finalidade identificar como a participação do pai ocorria na organização e realização de diferentes atividades, relacionadas às crianças, que ocorriam no contexto das vivências familiares.

Controvérsias acerca da influência do sexo da criança sobre o envolvimento paterno ainda são passíveis de investigações. Características da criança como idade e sexo podem interagir com outros fatores, tais como o temperamento da criança e aspectos culturais que, em conjunto, podem ou não funcionar como preditores do envolvimento paterno.

Vale ressaltar que fatores biológicos, características individuais paternas e características da criança estão em constante interação com aspectos contextuais e socioeconômicos. Sendo assim, a análise de cada um desses fatores separadamente pode não revelar contribuições específicas ou isoladas, enquanto o exame de interações entre fatores, pode indicar melhor a influência conjunta de dois ou mais preditores (Nunes & Vieira, 2009 e Vieira et al., 2009). Por exemplo, os aspectos culturais, incidem sobre o envolvimento paterno, na medida em que se observam expectativas sociais quanto às relações de gênero que, por sua vez, exercem forte influência sobre como pais e mães devem participar dos cuidados com a criança.

Nessa perspectiva, Falceto, Fernandes, Baratojo e Giugliani (2008) ressaltam que existe uma norma social de acordo com a qual à mulher são legados os cuidados da casa e dos filhos, enquanto que ao homem é conferida a função de prover financeiramente o lar, sustentando os valores e tradições da família. Nessa mesma direção, outros autores (Bustamante & Trad, 2005; Lamb, 2010; Borsa & Nunes, 2011; Souza & Moreira, 2012; Dessen & Oliveira, 2013) salientam que, apesar das mudanças já ocorridas no papel do pai frente às novas demandas familiares, ainda se observa uma visão influenciada por estereótipos de gênero, na qual as atividades domésticas e de cuidado dos filhos são consideradas eminentemente femininas.

Outros fatores contextuais podem atuar sobre o envolvimento paterno. Dentre eles estão o status religioso do pai, a qualidade do relacionamento conjugal, a ocupação profissional do pai e fatores socioeconômicos. No que tange à influência da religião sobre o envolvimento paterno, King (2003), Rienks et al. (2011) e Perry, Harmon e Leeper (2011) encontraram relações positivas entre a participação em atividades ligadas à religião e o nível de envolvimento paterno.

King (2003), por exemplo, realizou um estudo com 810 homens, dos quais 647 eram casados e 163 divorciados. Os participantes viviam em uma região não industrializada dos Estados Unidos e tinham entre 25 e 74 anos de idade, e a idade de seus filhos variou entre um e 17 anos. O autor encontrou diferenças no nível de envolvimento paterno entre pais que relataram preferência e atividade religiosa e pais que não apresentavam essas características. Ou seja, quanto maior a participação religiosa do pai, mais forte era o seu relacionamento com a criança, independentemente de seu estado civil. Além disso, nessa pesquisa também constatou-se que os pais cuja filiação religiosa era a protestante foram considerados mais envolvidos em atividades de cuidado com a criança e na realização de atividades domésticas do que os pais de religião católica (King, 2003). Rienks et al. (2011) e Perry, Harmon e Leeper (2011) também verificaram que a religião é um forte preditor do envolvimento paterno. Contudo, vale ressaltar que, no estudo de Perry et al., essa mesma relação não foi encontrada em pais que não eram casados legalmente.

Em relação à qualidade do relacionamento conjugal, Cabrera & Tamis-LeMonda (2000) afirmam que alguns dos fatores que podem contribuir para uma melhor participação do pai nos cuidados com o seu filho é a qualidade do relacionamento conjugal. Os autores verificaram que quanto menos conflitos e mais companheirismo no relacionamento conjugal, mais qualidade na relação pai-criança. Os resultados do estudo de Souza e Benetti (2008), Rienks et al. (2011) e Perry, Harmon e Leeper (2011) também apoiam essa hipótese. Souza e

Benetti (2008), por exemplo, verificaram que, maior afetividade do pai na relação com a esposa repercutiu positivamente na manifestação do envolvimento paterno. Nesta mesma direção, Rienks et al. (2011) encontraram fortes associações positivas entre o envolvimento paterno e o ajuste conjugal, a satisfação no casamento e a aliança parental. Em contrapartida, sinais de perigo e comunicação negativa no relacionamento foram relacionados a menores níveis de envolvimento paterno. Por fim, Perry, Harmon e Leeper (2011) ao estudarem quais eram os preditores do envolvimento paterno, identificaram vários fatores que contribuem para um maior nível de envolvimento do pai com o seu filho, sendo um desses fatores o suporte oferecido pela mãe diante da relação pai-criança. Segundo os autores, quanto mais o pai percebe o suporte materno, maiores são os níveis de envolvimento que ele tem com a criança.

Diante desse contexto, é importante ressaltar que além dos aspectos biológicos e individuais, das características individuais da criança e dos inúmeros aspectos contextuais, ainda existem as características socioeconômicas da família que podem também constituir importantes preditores do nível de envolvimento do pai com a sua criança. A fim de oferecer uma compreensão mais sistemática acerca dos preditores do envolvimento paterno, na próxima seção serão apresentados dados sobre o impacto do nível socioeconômico, que constitui o foco do presente estudo.

O impacto do nível socioeconômico da família sobre o envolvimento paterno

A variável nível socioeconômico (NSE) tem sido extensamente investigada em relação a inúmeros fenômenos comportamentais e psicológicos. Contudo, Alves e Soares (2009) afirmam que ainda não existe consenso quanto a uma definição para esse termo. De qualquer modo, a necessidade de operacionalizá-lo para fins de pesquisa, levou os pesquisadores a considerar o NSE como uma variável latente cuja medida é realizada através da associação de informações como, nível de escolaridade, ocupação, riqueza ou renda do indivíduo (Papalia, Olds & Feldman, 2013). O nível socioeconômico das famílias, geralmente, é investigado através de questionários ou escalas que classificam as famílias de acordo com as informações já citadas. Dentre os instrumentos utilizados para isso, temos a Escala Hollingshead (Hollingshead, 1975) e o Critério de Classificação Econômica do Brasil (ABEP, 2014).

O nível socioeconômico (NSE), segundo Hollingshead (1975), é obtido a partir da análise de quatro fatores: educação, ocupação, estado civil e sexo. Para obter-se o nível socioeconômico, de acordo com Hollingshead (1975), deve-se multiplicar o nível de

ocupação, que varia de 1 a 9 por 5, e o nível educacional, que varia de 1 a 7, por 3 e somá-los (ANEXO A). O nível socioeconômico da família é a média da soma do NSE dos cônjuges, caso os dois trabalhem. Caso um dos cônjuges não trabalhe, realiza-se apenas o cálculo da pessoa que trabalha. Os escores gerados por esses cálculos podem ser classificados em cinco níveis socioeconômicos: nível 1 (8-19): trabalhadores sem habilidades e empregados domésticos; nível 2 (20-29): operadores de máquinas, trabalhadores com poucas habilidades; nível 3 (30-39): trabalhadores com habilidades, auxiliares de escritório e balconistas. O nível 4 (40-54) é constituído por proprietários de empresas de médio porte e técnicos, e o nível 5 (acima de 55) é composto por proprietários de grandes empresas e profissionais de nível superior. De acordo com Tudge e Frizzo (2002), a escala Hollingshead é adequada para estudos transculturais envolvendo participantes brasileiros.

Já o Critério de Classificação Econômica do Brasil é um instrumento que tem como objetivo estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, fornecendo uma classificação econômica para a população brasileira (ABEP, 2014). A classificação econômica das famílias é realizada a partir da análise dos seguintes fatores: itens de consumo ou conforto, presença de empregada mensalista, grau de instrução do chefe da família e informações sobre o acesso a serviços públicos como, fornecimento de água encanada e rua pavimentada na localidade onde a família reside. O sistema de pontos da escala pode variar de 0 a 14 quando se refere a quantidade de itens de consumo/conforto que a família possui, 0 a 7 quando se refere ao nível de escolaridade do chefe da família (figura 3) e 0 a 4 quando se refere ao acesso a água encanada (não corresponde a 0 e sim a 4) e rua pavimentada (não corresponde a 0 e sim a 2). A partir dessa codificação e soma dos pontos obtidos em cada fator, é gerada uma pontuação total cuja classificação está distribuída em seis classes: A (45-100), B1 (38-44), B2 (29-37), C1 (23-28), C2 (17-22) e D-E (0-16).

No que tange a relação entre o NSE da família e a participação do pai nos cuidados da criança, não foram encontrados estudos que examinassem, especificamente, o efeito da variável NSE sobre o envolvimento paterno. Contudo, há estudos que indicam o impacto de variáveis sociodemográficas, algumas delas relacionadas ao NSE, sobre a forma como o pai interage e participa de atividades e cuidados com os filhos.

Em relação ao nível de escolaridade, por exemplo, Amato e Rivera (1999) constataram que pais com maior nível de escolaridade apresentavam maior nível de envolvimento paterno. O objetivo desses autores foi investigar as relações entre envolvimento paterno e problemas de comportamento em crianças e adolescentes entre cinco e 18 anos de idade. Participaram desse estudo 994 casais da Pesquisa Nacional de Famílias e Domicílios

nos Estados Unidos da América, sendo que essa amostra era composta por pais biológicos e adotivos. Os resultados dessa pesquisa foram obtidos através das análises dos dados sociodemográficos do casal, relatos do pai sobre o seu envolvimento com o filho e o relato da mãe sobre os problemas de comportamento da criança ou adolescente. Os resultados indicaram que quanto maior a escolaridade do pai, mais ativo ele era com sua criança.

Souza e Benetti (2008) também verificaram que pais com maior nível de escolaridade estavam mais envolvidos com seus filhos. Nesse estudo, os pais informaram seu nível de escolaridade quando preencheram a ficha de dados sociodemográficos. A escolarização dos pais foi codificada a partir de seis níveis: 1) ensino fundamental incompleto, 2) ensino fundamental, 3) ensino médio incompleto, 4) ensino médio, 5) ensino superior incompleto e 6) ensino superior. De acordo com os resultados dessa pesquisa, quanto maior era o nível de escolaridade dos pais, mas eles contribuía ativamente no cuidado didático, eram mais afetivos e participavam mais de atividades sociais com seus filhos, quando comparados a pais com menor nível de escolaridade.

Nessa mesma direção, Monteiro et al. (2010) concluíram que quanto maior é a escolaridade do pai, maior o seu envolvimento em atividades de cuidados indiretos e menor o envolvimento em brincadeiras. Esses achados indicam que parece existir uma predisposição do pai em participar de atividades que exigiam mais habilidades cognitivas em detrimento daquelas que exigem mais habilidades motoras. Apoiando os achados dos estudos citados, Juhari, Yaacob e Talib (2013) investigaram o envolvimento paterno em uma amostra de 989 pais malasianos, cujos filhos tinham entre dez e 16 anos de idade e constataram que quanto maior é o nível de escolaridade paterna, mais envolvimento com a criança o pai apresentava.

No entanto, outras investigações realizadas em outros países (Portugal e Estados Unidos) indicam que não existe relação entre nível de escolaridade e envolvimento paterno (Pimenta et al., 2010; Castillo, Welch & Sarver, 2011; Rienks et al., 2011). No Brasil, o estudo de Bossardi et al. (2013) também corrobora essa hipótese. Esses autores tiveram como objetivo investigar as características do engajamento paterno no cuidado de crianças entre quatro e seis anos de idade. Participaram do estudo 50 pais. Esses pais foram convidados a responderem o Questionário de Engajamento Paterno e ficha de dados sociodemográficos. Os autores verificaram que o nível de escolaridade do pai não estava correlacionado significativamente com o envolvimento paterno.

O fato do nível de escolaridade do pai influenciar como ele se comporta diante do filho demonstra o quanto as condições socioeconômicas e culturais configuram-se como preditores para o envolvimento paterno, tendo em vista que pais com maior nível de

escolaridade possuem mais acesso à informação, o que pode instrumentalizá-lo acerca de como participar do desenvolvimento da criança. Apesar de alguns estudos evidenciarem a ausência de relação entre nível de escolaridade e envolvimento paterno, vale ressaltar que esta é uma variável influenciada por outros fatores como, qualidade do ensino, práticas culturais e padrões familiares. Além disso, ao se considerar os estudos brasileiros, é importante destacar que a democratização da educação básica no Brasil ocorreu no início da década de 1980, fato relativamente recente, que pode ter contribuído para que as pessoas tivessem menos acesso a informação e, por consequência, não utilizassem práticas que promovessem o desenvolvimento infantil (Haeffner, Miranda, Tavares, Barbieri, Bettiol & Barbieri, 2000). Outra explicação para a ausência de consenso a respeito da influência do nível de escolaridade sobre o envolvimento paterno é o fato de que, a amostra investigada em alguns estudos (Pimenta et al., 2010; Castillo, Welch & Sarver, 2011; Bossardi et al., 2013), apresentava pouca variabilidade que tange às características sociodemográficas ou outras variáveis não controladas como cultura e etnia (Rienks et al., 2011), não sendo possível a realização de uma comparação adequada entre o impacto da escolaridade sobre o nível de envolvimento paterno dos participantes.

Os resultados acerca das relações entre renda familiar e envolvimento paterno também ainda são controversos. Souza e Benetti (2008) ao investigarem o exercício da paternidade no contexto de desemprego, verificaram que os pais que recebiam contribuição na renda familiar de outros membros da família ou de outras fontes significativas estavam mais envolvidos com seus filhos do que os pais que não recebiam nenhum tipo de contribuição em quatro dimensões específicas do envolvimento: didática, afetiva, disponibilidade e social. Nesse estudo, devido aos pais estarem desempregados, a renda foi classificada de maneira dicotômica: recebe ou não recebe contribuição na renda familiar.

Já Rienks et al. (2011), em contexto internacional, verificaram relação contrária: pais que tinham menor renda eram mais envolvidos com seus filhos. Nesse estudo, informações sobre a renda familiar foram obtidas por meio da ficha de dados sociodemográficos. De acordo com os autores, a renda familiar anual média foi de \$ 24.023,32 dólares e o menor envolvimento dos pais esteve relacionado ao aumento da renda. A aparente controvérsia desses achados sugere a necessidade de se investigar o impacto da renda sobre o envolvimento paterno.

Por último, discute-se a influência do status ocupacional e da carga horária de trabalho do pai sobre o seu envolvimento com a criança. De acordo com Gomes, Crepaldi e Bigras (2013), o envolvimento paterno é significativamente maior quando a jornada de

trabalho do pai é de até 30 horas em comparação aos pais que trabalham 40 horas semanais ou mais. Desse modo, quanto menor a jornada de trabalho do pai, mais ele realiza atividades de suporte emocional, abertura ao mundo e evocações com a criança. Nessa mesma direção, Rienks et al. (2011), por exemplo, constataram que pais não empregados mostraram-se mais envolvidos com suas crianças do que pais empregados.

Corroborando esses achados, Gaertner et al. (2007) verificaram que, quando as crianças tinham entre 6 e 7 meses de idade, os pais com mais horas semanais de trabalho eram menos envolvidos no fim de semana ao brincar e ensinar coisas à criança, ao passo que, pais cujas parceiras trabalhavam mais horas por semana, eram mais envolvidos durante os dias da semana. Ou seja, pais que trabalhavam mais horas por semana estavam menos disponíveis para interagir com suas crianças durante os fins de semana devido a sua longa jornada de trabalho semanal, enquanto que, pais cujas esposas trabalhavam mais durante a semana, estavam mais envolvidos com a criança devido à ausência da mãe para assumir integralmente todos os cuidados com a criança. Isso se deve ao fato de que, quando os pais estão desempregados, geralmente, suas companheiras estão trabalhando para garantir o sustento da família. Isso faz com que, muitas vezes, o pai colabore mais nos diferentes cuidados à criança, já que ele tem mais tempo disponível para cuidar da criança do que a mãe (Pimenta et al., 2010). Além disso, pais que trabalham menos têm mais tempo para interagir com a criança e compartilhar as tarefas domésticas com a esposa.

Já em relação às características do ambiente de trabalho, Godman et al. (2008) examinaram as relações existentes entre condições ocupacionais e qualidade da relação pai-criança em 446 pais residentes em regiões não metropolitanas da Carolina do Norte e Pensilvânia. Esses pesquisadores verificaram que, quando os pais relataram trabalhar em um emprego com mais apoio e com elevado nível de autonomia, eles apresentavam maiores níveis de envolvimento e sensibilidade em relação aos filhos. Ainda nesse aspecto, pouco suporte no ambiente de trabalho esteve associado negativamente aos níveis de engajamento paterno, ou seja, quanto menos suporte no ambiente de trabalho, menor o nível de envolvimento paterno.

Além dessas relações, Goodman et al. (2008) constataram que a percepção do pai de que o seu ambiente de trabalho era menos favorável, esteve associada a maiores níveis de sentimento de sobrecarga em relação ao papel de pai que, por sua vez, não apresentou relações com os níveis de envolvimento paterno e sensibilidade parental. Por fim, não foram encontradas relações entre poucas horas de trabalho e sensibilidade paterna.

Justificativa e objetivos do estudo

A literatura revisada demonstra que o envolvimento paterno é um fenômeno multidimensional influenciado por características individuais do pai e da criança, aspectos contextuais, culturais e socioeconômicos, sendo esse último fator, pouco explorado no contexto nacional. Tendo em vista a importância do envolvimento paterno para o desenvolvimento infantil (Falceto et al., 2008; Arruda & Lima, 2013; Cúnico e Arprini, 2013; Storhaug, 2013; Vieira et al., 2014; Gomes *et al*, 2014, Wilcox, 2014), bem como a necessidade de se compreender como os fatores contextuais contribuem para a interação pai-criança (Dessen, 2008; Papalia & Feldman, 2013; Piccinini, Alvarenga & Marin, 2013), o presente estudo se justifica pela necessidade de se compreender como o nível socioeconômico influencia o envolvimento paterno.

Até o presente momento não foram encontrados estudos que avaliassem o impacto do nível socioeconômico sobre o envolvimento paterno, embora muitos estudos indiquem o efeito de alguns dos seus componentes, como a escolaridade e a renda. Desse modo, o objetivo do deste estudo foi caracterizar o envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos. Foram comparados três grupos de pais. O grupo denominado NSE alto (NSE-A) foi formado por pais com nível de escolaridade a partir do ensino superior incompleto e com perfil ocupacional equivalente ao de profissões, tais como administrador, advogado, professor universitário, etc. O grupo denominado nível socioeconômico médio (NSE-M) foi formado por pais com nível de escolaridade a partir entre o ensino médio incompleto e o ensino superior incompleto inferior a um ano de curso, e exercendo funções tais como, comerciante ou auxiliar de escritório. Por fim, o grupo denominado nível socioeconômico baixo (NSE-B) foi formado por pais com nível de escolaridade entre ensino fundamental incompleto e ensino fundamental completo e com ocupações, tais como, empregado doméstico ou auxiliar de serviços gerais.

As hipóteses do estudo foram as seguintes: a) pais do grupo NSE-A apresentariam maior nível de envolvimento paterno do que pais de NSE-M que, por sua vez, apresentariam mais envolvimento paterno do que os pais de grupo de NSE-B, b) pais com maior nível de escolaridade seriam mais envolvidos em atividades de cuidados indiretos do que pais com menor nível de escolaridade, e c) pais com menor carga horária de trabalho seriam mais envolvidos em atividades de lazer e brincadeiras do que pais com maior carga horária de trabalho.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 81 pais de crianças de ambos os sexos, com idade entre 4 e 6 anos, residentes na cidade do Salvador. Para participar do estudo, os pais deveriam ter no mínimo 19 anos de idade, residir com a criança e com a mãe da criança, e exercer uma atividade laboral. Não foram incluídos na amostra os pais cujos filhos possuísem deficiência física ou mental. Os 81 pais foram divididos em três grupos de acordo com a escala de NSE de Hollingshead (1975): nível socioeconômico baixo (NSE-B), nível socioeconômico médio (NSE-M) e nível socioeconômico alto (NSE-A).

O nível socioeconômico, segundo Hollingshead, é obtido a partir da análise de três fatores: educação, ocupação e estado civil. Os critérios para a classificação das ocupações e do nível educacional encontram-se no Anexo A. Para obter-se o nível socioeconômico, de acordo com Hollingshead, deve-se multiplicar o nível de ocupação, que varia de 1 a 9, por 5, e o nível educacional, que varia de 1 a 7, por 3 e somá-los. O nível socioeconômico da família é a média da soma do NSE dos cônjuges, caso os dois trabalhem. Caso um dos cônjuges não trabalhe, realiza-se apenas o cálculo da pessoa que trabalha. Os escores gerados por esses cálculos podem ser classificados em cinco níveis socioeconômicos: nível 1 (8-19): trabalhadores sem habilidades e empregados domésticos; nível 2 (20-29): operadores de máquinas, trabalhadores com poucas habilidades; nível 3 (30-39): trabalhadores com habilidades, auxiliares de escritório e balconistas. O nível 4 (40-54) é constituído por proprietários de empresas de médio porte e técnicos, e o nível 5 (acima de 55) é composto por proprietários de grandes empresas e profissionais de nível superior. Para fins deste estudo, os níveis propostos na escala de Hollingshead foram agrupados da seguinte forma: os níveis 4 e 5 correspondem ao nível socioeconômico alto (NSE/A), o nível 3 corresponde ao nível socioeconômico médio (NSE/M), e os níveis 1 e 2 correspondem ao nível socioeconômico baixo (NSE/B). A amostra foi selecionada por acessibilidade em escolas, empresas e organizações públicas e privadas da cidade do Salvador e através da técnica de bola de neve, que consistiu na indicação de outros pais pelos participantes que já haviam sido selecionados para o estudo.

A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos dos participantes. A idade dos pais de NSE-B variou entre 22 e 46 anos, sendo a média de 34,45 (DP=5,94). No grupo de pais de NSE-M a idade variou entre 25 e 50 anos, sendo a média de 35,67 (DP=5,21). Por fim, no grupo dos pais de NSE-A, a idade variou entre 24 e 53 anos, sendo a média de 37,52

(DP=6,62). Quanto ao nível de escolaridade, os pais de NSE-B (M=9,32, DP=2,70), tinham desde o ensino fundamental incompleto ao ensino médio completo; os pais de NSE-M (M=13,14, DP=2,08), tinham desde o ensino médio completo ao nível superior completo, e no NSE-A (M=17,21, DP=2,81), os pais tinham desde o ensino médio completo a pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado). A renda familiar média das famílias de NSE-B foi de R\$1.646,41 (DP=R\$ 488,66), variando de R\$ 700,00 a R\$2.500,00; nas famílias de NSE-M a renda média foi de R\$3.365,95 (DP=R\$ 1.852,49), variando de R\$999,00 a R\$7.000,00, e nas famílias de NSE-A a renda média foi de R\$6.479,27 (DP=R\$ 4.982,96), variando de R\$999,00 a R\$25.000,00.

Tendo em vista que o delineamento adotado nesta pesquisa é o de grupos contrastantes (Nachimias & Nachimias, 1996), foi realizada a análise de variância (ANOVA), conforme a Tabela 1, com o objetivo de verificar se os grupos diferiam quanto aos fatores propostos por Hollingshead para a classificação do nível socioeconômico e a saúde mental paterna. Constatou-se, conforme o esperado, que os grupos NSE-B, NSE-M e NSE-A apresentavam diferenças na escolaridade paterna e materna, e na renda familiar. Contudo, a partir dessa análise, também foi possível constatar diferenças entre os grupos quanto a idade materna, a carga horária de trabalho semanal paterna e materna.

Tabela 1.
Dados Sociodemográficos dos Participantes (N=81)

	NSE Baixo	NSE Médio (n=21)	NSE Alto	F	p
	(n=31)		(n=29)		
	M (DP)	M (DP)	M (DP)		
Idade do pai	34,45 (5,94)	35,67 (5,21)	37,52 (6,62)	1,95	0,14
Número filhos	0,90 (1,10)	0,81 (0,81)	0,93 (1,30)	0,07	0,92
Escolaridade pai	9,32 (2,70)	13,14 (2,08)	17,21 (2,81)	51,88	0,001
Carga horária semanal de trabalho pai	50,29(8,90)	53,33 (16,05)	45,38 (7,61)	3,48	0,03
Idade da mãe	31,26 (6,19)	33,24 (4,71)	35,55 (5,50)	4,41	0,01
Escolaridade mãe	9,32 (2,41)	12,05 (2,90)	16,17 (3,53)	39,81	0,001
Carga horária de trabalho semanal mãe	40,85 (11,31)	48,06 (16,33)	34,23 (11,58)	5,22	0,009
Renda familiar	1.646,61 (488,66)	3.365,95 (1.852, 49)	6.479,27 (4.982,96)	27,01	0,001
Idade da criança	5,10 (0,79)	4,95 (0,86)	4,86 (0,69)	0,69	0,50
Sexo da criança	Masculino 15	Masculino 11	Masculino 16	-	-
	Feminino 16	Feminino 10	Feminino 13	-	-
Pai frequente religião	Sim 18	Sim 16	Sim 17	-	-
	Não 13	Não 5	Não 12	-	-
Mãe trabalha	Sim 14	Sim 17	Sim 22	-	-
	Não 17	Não 4	Não 7	-	-

Residentes na casa	3,81 (0,87)	3,95 (0,97)	3,76 (0,87)	0,29	0,74
--------------------	-------------	-------------	-------------	------	------

Em seguida, foi realizado o teste do quiquadrado de Monte Carlo com o objetivo de verificar possíveis associações entre o envolvimento paterno e as variáveis sociodemográficas status ocupacional da mãe e status religioso paterno. O teste do quiquadrado de Monte Carlo foi utilizado porque existiam células cuja contagem foi inferior a 5. De acordo com a Tabela 2, constatou-se que não existia uma relação de dependência entre o envolvimento paterno, o status ocupacional da mãe e o status religioso do pai, ou seja, a despeito do status religioso paterno e o status ocupacional da mãe, o pai mostrava-se envolvido com a sua criança.

Tabela 2.
Teste do Quiquadrado de Monte Carlo

Variáveis sociodemográficas	p*
Status ocupacional da mãe	0,08
Status religioso paterno	0,42

*p<0,05

Em relação à saúde mental paterna, como indicado na Tabela 3, os pais de NSE-B obtiveram, no SRQ-20, escore médio de 2,39 (DP=2,78), enquanto os pais de NSE-M tiveram um escore médio de 3,57 (DP=2,69). Os pais de NSE-A apresentaram média de 1,79 (DP=2,19). Para verificar se existiam diferenças entre os grupos quanto a essa condição, foi realizado o teste de Análise de Variância (ANOVA) cujo resultado, $F(2,78) = 2,96$, $p=0,05$, indicou diferenças entre os grupos. Testes *post hoc* foram realizados a fim de verificar entre quais grupos existia a diferença. O teste de *Gabriel* indicou que os pais do NSE médio apresentavam mais indicadores de transtornos mentais do que os pais do NSE alto ($p=0,05$). Também foi avaliado o número de casos em cada grupo que apresentou escores acima do ponto de corte de 8 pontos, indicando suspeita de transtorno mental. Os números foram semelhantes nos três grupos: 3 pais do NSE-B, 3 do NSE-M e 2 do NSE-A apresentaram escore acima de 8 pontos no SRQ-20.

Tabela 3.

Avaliação da Saúde Mental Paterna.

	NSE Baixo (n=31)	NSE Médio (n=21)	NSE Alto (n=29)	F	p
	M(DP)	M(DP)	M(DP)		
SRQ – 20	2,39 (2,78)	3,57 (2,69)	1,79 (2,19)	2,96	0,05

Delineamento e Procedimentos

No presente estudo foi utilizado o delineamento de grupos contrastantes (Nachimias & Nachimias, 1996), envolvendo três grupos de pais: pais NSE-B, pais de NSE-M e pais de NSE-A. Em cada um dos grupos foi analisado o envolvimento paterno.

Os pais foram convidados para participar da pesquisa nas escolas onde seus filhos estudavam, nas empresas e organizações em que trabalhavam, ou foram indicados por outros pais que já haviam sido incluídos na amostra. Nesses casos em que houve indicação, o contato inicial foi feito por telefone. Com o objetivo de maximizar a possibilidade de encontrar participantes que se adequassem aos três níveis socioeconômicos, a amostra foi recrutada em diferentes locais (escolas de educação infantil, universidades, empresa de limpeza pública, empresas de ônibus, instituições militares e pequenas e médias empresas). Os participantes que foram recrutados nas empresas de ônibus, canteiros de obra e limpeza pública foram incluídos no grupo NSE-B. Os participantes que compõem o NSE-M foram contatados em escolas particulares de educação infantil e instituições militares, e os participantes de NSE-A foram contatados em empresas de grande porte, faculdades ou universidades. Contudo, em alguns casos, participantes que foram recrutados em um local que, inicialmente, teria potencial para fornecer participantes de um nível, após os cálculos para o estabelecimento do NSE, foram classificados um nível diferente.

Os pais que foram contatados em empresas de limpeza pública, canteiros de obras, instituições militares, empresas de ônibus e universidades foram convidados para participar da pesquisa em seus respectivos locais de trabalho, e aqueles que consentiam em participar do estudo eram entrevistados em uma sala previamente selecionada pelos gestores organizacionais com esse objetivo. Já os pais que foram contatados em escolas de educação infantil, receberam o convite para participar da pesquisa através da agenda escolar da criança e, caso tivessem interesse em participar, informavam seu nome e telefone. Tanto os pais que foram indicados por outros participantes quanto os pais que informavam seu nome e telefone através da agenda escolar da criança, receberam uma ligação da pesquisadora que, neste contato, agendava a entrevista com o pai ou em sua residência ou em seu local de trabalho, conforme a disponibilidade do participante. Todos os pais que concordaram em participar da pesquisa e, inicialmente, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), e posteriormente responderam à Ficha de Dados Sociodemográficos (Anexo C), ao Questionário de Engajamento Paterno (versão original ProsPère citado e adaptado por Bossardi, Gomes, Vieira & Crepaldi, 2013) (Anexo E) e ao o SRQ - 20 (Anexo D). Todos os

instrumentos foram aplicados em forma de entrevista, isto é, o pesquisador lia os itens contidos nos instrumentos para os participantes que, com o auxílio de cartões de resposta, indicavam a alternativa escolhida.

Considerações Éticas

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, CAAE 26960014.2.0000.5531, parecer 632.503. Os pais que participaram da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual explicitava o objetivo do estudo, assim como os procedimentos de coleta de dados e a garantia do sigilo dos participantes. Nesse termo constava o nome e telefone da pesquisadora responsável, a fim de que o participante pudesse solicitar, posteriormente, se necessário, esclarecimentos acerca do projeto. O termo foi assinado em duas vias, tanto pelo participante quanto pela pesquisadora, uma via foi entregue ao participante e a outra permaneceu com a pesquisadora. Com o intuito de promover benefícios aos participantes da pesquisa foi oferecida, após a coleta de dados, uma palestra sobre “A importância do pai no desenvolvimento infantil” nos locais em que a coleta dos dados foi realizada. Além disso, os pais que obtiveram escores superiores a oito pontos no Self-Report Questionnaire of Minor Psychiatric Disorders (SRQ-20) foram encaminhados ao Serviço de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia e ao Serviço de Psicologia da Faculdade Castro Alves da Bahia.

Instrumentos

1. Ficha de Dados Sociodemográficos: teve como objetivo obter informações sociodemográficas da família, como idade dos pais, sexo e idade da criança, entre outros. O principal objetivo desse instrumento foi obter informações detalhadas sobre a escolaridade e a ocupação de ambos os pais, a fim de se realizar a classificação do nível socioeconômico da família, de acordo com a escala de Hollingshead.

2. SRQ-20 (Self-Report Questionnaire of Minor Psychiatric Disorders): instrumento desenvolvido por Harding et al. (1980 citado por Gonçalves, Stein & Kapczinski, 2008). Foi utilizado com o objetivo de identificar a presença de transtornos mentais comuns (não psicóticos) e a presença de sintomas de depressão, ansiedade e de algumas queixas psicossomáticas entre os pais. Trata-se de uma escala composta de vinte perguntas na qual o pai respondia “sim” ou “não”. O ponto de corte é de oito pontos, isto é, quando o pai

respondia afirmativamente a oito perguntas ou mais, ele era classificado na categoria “com suspeita de transtorno mental”. O índice de consistência interna (alpha de Cronbach) da versão brasileira foi 0,86 (Gonçalves, Stein & Kapczinski, 2008). Este instrumento foi utilizado para controlar os efeitos de possíveis problemas de saúde mental dos pais sobre o envolvimento paterno. Assim, os escores no SRQ-20 serão inseridos como covariantes nas análises de comparação entre os três níveis socioeconômicos.

3. Questionário de Engajamento Paterno – QEP (Questionnaire d'Engagement Paternel): é um instrumento que possibilita a caracterização do envolvimento paterno a partir do relato do pai acerca da frequência com que participa dos cuidados e atividades com a criança. A versão original foi elaborada por ProsPère (2000) e adaptada por Gomes, Crepaldi e Bigras (2013). A primeira versão brasileira do questionário era composta por 52 itens que descrevem comportamentos emitidos pelo pai em relação à criança a partir de sete dimensões: 1) Suporte emocional, composta por 12 itens (32, 35, 37, 40, 42, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 55), refere-se a gestos e palavras que tranquilizam e encorajam a criança; 2) Abertura ao mundo, formada por 9 itens (8, 11, 23, 25, 27, 31, 33, 45, 56), diz respeito à incentivar a criança a ir mais longe e a explorar o ambiente; 3) Cuidados básicos, composta por 9 itens (2, 5, 7, 10, 12, 14, 28, 39, 44), refere-se a comportamentos paternos que visam a fornecer cuidados essenciais à sobrevivência da criança como alimentar, vestir e dar banho; 4) Jogos físicos, constituída por 7 itens (3, 6, 13, 15, 16, 20, 22), diz respeito a situações nas quais o pai interage com a criança fisicamente por meio de gestos e brincadeiras; 5) Evocações, formada por 6 itens (17, 29, 36, 38, 51, 54), investiga comportamentos paternos como pensar, lembrar e/ou falar da criança; 6) Disciplina, composta por 4 itens (18, 19, 24, 43), remete às práticas educativas paternas de controlar os comportamentos infantis, por meio da correção e repreensão; e 7) Tarefas de casa, constituída por 9 itens (1, 4, 9, 21, 26, 30, 34, 41, 49), compreende as atividades com a casa em geral, ou seja, fazer compras, preparar as refeições e se ocupar da limpeza e dos consertos necessários. Cada item deve ser respondido de acordo com a frequência com que o pai realiza as atividades descritas. Essas respostas são registradas em duas escalas *Likert*. A primeira escala varia de varia de 0 a 6 (itens de 1 a 24), sendo que 0 corresponde à opção “não se aplica” e 6 corresponde à opção “todos os dias”. A segunda escala varia de 0 a 5 (itens de 25 a 56), sendo que 0 corresponde à opção “não se aplica” e 5 corresponde à opção “sempre”. No presente estudo, apesar de ter sido aplicada a versão do questionário composta pelos 56 itens, para a análise dos dados foram utilizados 52 itens, tendo em vista que, conforme orientação dos pesquisadores envolvidos na validação do

instrumento no Brasil, os itens 16, 20, 22 (Jogos Físicos) e 36 (Evocações) foram excluídos. Além disso, e, em função da diferença de pontos entre as escalas, foi realizado o cálculo de regra de três a fim de que houvesse equivalência entre as diferentes dimensões do instrumento. Desse modo, a escala de seis pontos passou a ser utilizada da seguinte maneira: 1=1, 2=1,66, 3=2,49, 4= 3,33, 5=4,16 e 6=5. O modelo teórico de envolvimento paterno utilizado neste estudo foi o de Pleck (2010), sendo necessário, portanto, realizar um emparelhamento entre as dimensões acima descritas e o modelo teórico utilizado. Desse modo, a dimensão engajamento positivo em atividades foi avaliada através da dimensão cuidados básicos e jogos físicos do QEP. A dimensão afeto/responsividade foi avaliada por meio dos itens da dimensão suporte emocional, e a dimensão controle foi medida através dos itens de disciplina do QEP. Por fim, a dimensão cuidados indiretos foi avaliada por meio dos itens da dimensão tarefas de casa do instrumento (Figura 4). A única dimensão do modelo teórico que não foi avaliada neste estudo foi a de processo de responsabilidade, tendo em vista que os itens do QEP não mensuravam se o pai realizava atividades de cuidado e lazer em relação a criança independente da divisão de tarefas preestabelecida com a mãe. Cada uma das dimensões do instrumento gera um escore que é determinado através da média das respostas dos pais aos itens referentes aquela dimensão. O escore total de envolvimento paterno é obtido por meio de uma média das respostas dos pais aos 52 itens do instrumento. Neste estudo o valor do alfa de Cronbach foi de 0,84.

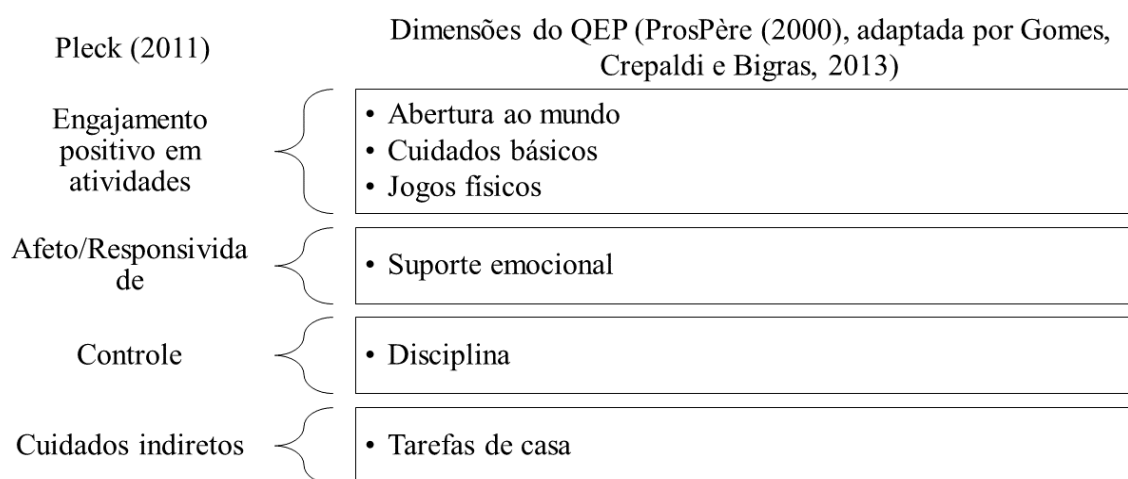


Figura 1. Relações entre modelo teórico e instrumento utilizado para a investigação do envolvimento paterno.

Análise de dados

Os dados foram analisados usando o software Statistical Package for Social Science (SPSS 20.0). A análise dos dados foi realizada em três etapas. A primeira etapa consistiu na utilização de recursos estatísticos descritivos para se mensurar as características sociodemográficas das famílias e a saúde mental do pai, bem como a verificação dos pressupostos da Análise de Variância (ANOVA) e, em seguida, a ANOVA foi utilizada para verificar se existiam diferenças significativas entre os grupos em relação aos dados sociodemográficos que compõem o nível socioeconômico (escolaridade paterna e materna e renda). Nessa etapa, também foram realizados os procedimentos *post hoc* inerentes a ANOVA para se discriminar entre quais grupos existiam diferenças significativas quanto à saúde mental paterna.

Na segunda etapa, utilizou-se o teste de correlação de *Pearson* para se investigar as relações entre as características sociodemográficas da amostra, o nível socioeconômico da família e o envolvimento paterno. Por fim, na terceira etapa, foi realizada a caracterização do envolvimento paterno nos três grupos (NSE-B, NSE-M e NSE-A). Para tanto, inicialmente, foram calculadas as frequências relativas dos relatos paternos dos três níveis socioeconômicos nas dimensões do envolvimento paterno (*abertura ao mundo, cuidados básicos, jogos físicos, evocações, suporte emocional, tarefas de casa e disciplina*) e no *score total* de envolvimento paterno, bem como as médias e desvios-padrão. Nessa etapa, foi necessário que se corrigissem os valores extremos na dimensão *disciplina* e no *score total* do Questionário de Engajamento Paterno (QEP), tendo em vista que existia uma assimetria na distribuição dos dados nos grupos de NSE-B e NSE-A nessas duas variáveis. Para isso, os dois valores extremos na dimensão *disciplina* e no *score total*, foram substituídos nessas dimensões pelos valores 3,03 e 3,82, respectivamente, que correspondem ao maior valor não extremo verificado na amostra acrescido de uma unidade.

Em seguida, foram examinados os pressupostos da ANCOVA. A partir dessa verificação constatou-se que: a) ao invés da variável saúde mental paterna, a idade materna deveria ser inserida como covariante na análise das diferenças no envolvimento paterno entre os grupos porque a variável idade materna se correlacionava com o nível socioeconômico, pré-requisito necessário para a inclusão de uma variável como covariante neste modelo e b) este procedimento deveria ser utilizado tendo como variáveis dependentes o *score total* do QEP e as dimensões *abertura ao mundo, disciplina, evocações, suporte emocional e tarefas*

de casa, tendo em vista que nessas dimensões não houve a violação da hipótese de homogeneidade da amostra.

Tendo em visto que os pressupostos da ANCOVA não foram atendidos para se verificar se existiam diferenças entre os grupos em relação à dimensão cuidados básicos e jogos físicos, utilizou-se o teste ANOVA *Kruskal-Wallis*, alternativa não paramétrica de análise de variância. O teste de Mann-Whitney também foi utilizado nessa etapa a fim de identificar, entre quais grupos (NSE-B x NSE-M, NSE-M x NSE-A, NSE-B x NSE-A), existiam diferenças nas dimensões já citadas.

RESULTADOS

Os resultados serão descritos em três seções. A primeira seção refere-se à caracterização do envolvimento paterno nos três níveis socioeconômicos. Essa caracterização foi realizada a partir da frequência dos relatos paternos sobre os seus sentimentos e emoções, assim como as atividades realizadas em relação à criança. Na segunda seção serão apresentados os resultados dos testes de correlação de *Pearson* sobre as relações entre as características sociodemográficas dos participantes do estudo e o envolvimento paterno. E, finalmente, na terceira seção serão descritas as diferenças, identificadas através dos testes ANCOVA, Kruskal-Wallis e Mann-Whitney, entre os grupos em relação ao envolvimento paterno.

Caracterização do envolvimento paterno nos três níveis socioeconômicos

A caracterização do envolvimento paterno nos três grupos foi realizada através da frequência com que, em cada grupo, os pais relataram realizar as atividades indicadas nas diferentes dimensões do QEP. Para isso, as opções de resposta indicadas no instrumento foram agrupadas da seguinte maneira: as opções 0 e 1 (não se aplica ou nunca) foram classificadas como “nunca”, as opções 2 e 3 (uma vez por mês, duas ou três vezes por mês, de vez em quando, uma vez por semana ou regularmente) foram agrupadas em “regularmente” e as opções 4 e 5 (várias vezes por semana, todos os dias, quase sempre e sempre) foram classificadas como “sempre”. A seguir são descritas as semelhanças e diferenças referentes à frequência com que os pais dos três grupos relataram realizar diversos tipos de atividades com os filhos. Esta descrição foi feita para cada uma das sete dimensões do envolvimento paterno examinadas pelo Questionário de Engajamento Paterno, a saber: *abertura ao mundo, cuidados básicos, jogos físicos, suporte emocional, disciplina, tarefas de casa e evocações*.

As Tabelas 4, 5 e 6 apresentam a caracterização do envolvimento paterno a partir das dimensões *abertura ao mundo, cuidados básicos e jogos físicos*. Essas dimensões compõem a categoria engajamento positivo em atividades, do modelo de envolvimento paterno proposto por Pleck (2010). O engajamento positivo em atividades diz respeito à interação direta do pai com a criança em atividades, como dar banho na criança ou alimentá-la, ajudá-la ou ensiná-la alguma habilidade, conversar, brincar ou levar a criança para sair ou brincar em outros ambientes.

A Tabela 4 apresenta a caracterização da participação dos pais na criação dos filhos a partir da dimensão *abertura ao mundo*. Nesta dimensão, a maioria dos pais dos três níveis socioeconômicos, 64,4% do NSE-B, 61,9% do NSE-M e 58,6% do NSE-A, afirmou que frequentava “regularmente” o parque com seus filhos e que “sempre” realizava atividades como assistir (NSE-B 77,4%, NSE-M 90,5%, NSE-A 79,3%), ou escutar música (NSE-B 54,8%, NSE-M 57,1%, NSE-A 51,7%), assim como ensinar esportes (NSE-B 54,8%, NSE-M 52,4%, NSE-A 51,7%), ou mostrar novos brinquedos para a criança (NSE-B 54,8%, NSE-M 57,1%, NSE-A 69%). A frequência do relato de atividades como acompanhar os filhos na casa de amigos, parentes ou vizinhos foi semelhante tanto para o grupo de pais de NSE-M (47,6%) quanto para os pais de NSE-A (48,3%), isto é, os pais de ambos os grupos afirmaram que “regularmente” o faziam. Além de semelhanças na frequência dos relatos dos pais do NSE-M e NSE-A, constatou-se também semelhanças nos relatos dos pais de NSE-B (74,2%) e NSE-A (79,3%) no que diz respeito a propor atividades educativas para seus filhos. Esses pais relataram que “sempre” o faziam.

Nessa dimensão, constatou-se uma discrepância entre as frequências de respostas paternas quanto ao relato sobre incentivar ou permitir que a criança participe das atividades dos adultos, como ajudar na cozinha ou na limpeza da casa. Neste aspecto, 62% dos pais do NSE-A informaram que “sempre” faziam os filhos participarem, enquanto que 54,8% dos do NSE-B relataram que “nunca” faziam com que seus filhos participassem dessas atividades.

A frequência com que os pais relatavam participar dos *cuidados básicos* com os filhos é demonstrada na Tabela 5. Nesta dimensão, os pais dos três níveis socioeconômicos, ou seja, 80,6% do NSE-B, 76,2% do NSE-M e 75,9% do NSE-A, relataram que “sempre” supervisionavam a rotina matinal da criança, a colocavam na cama (NSE-B 77,4%, NSE-M 81%, NSE-A 93,1%) e a levavam ao médico ou a outros profissionais de saúde (NSE-B 87,1%, NSE-M 90,5%, NSE-A 75,9%), assim como levantavam à noite para atendê-la (NSE-B 64,5%, NSE-M 66,7%, NSE-A 79,3%), se necessário frequentemente. Outro ponto em comum, foi verificado nas respostas dos pais do NSE-M e NSE-A. Esses pais descreveram que “sempre” realizavam atividades, como dar de comer ou beber (NSE-M 76,2% e NSE-A 82,8%) dar banho (NSE-M 57,1% e NSE-A 75,9%) e vestir a criança (NSE-M 66,7% e NSE-A 89,7%). Sobre as diferenças entre os grupos, constatou-se que, enquanto mais da metade dos pais do NSE-A (55,2%) mencionaram que “sempre” cuidavam dos cabelos da criança, um percentual semelhante de pais do NSE-B (54,8%) informou que “nunca” realizavam essa atividade.

No que tange a dimensão *jogos físicos*, conforme a Tabela 6, verifica-se que mais da metade dos pais dos três grupos relataram fazer a criança rir (NSE-B 90,3%, NSE-M 95,2% e NSE-A 96,6%), brincar de lutinha (NSE-B 54,8%, NSE-M 57,1% e NSE-A 55,2%) com ela e fazer-lhe cócegas (NSE-B 58,1%, NSE-M 81% e NSE-A 93,1%). Além dessas semelhanças, constatou-se que mais da metade dos pais de NSE médio (57,1%) afirmaram brincar de cavalinho com os filhos enquanto que menos da metade dos pais de NSE baixo (35,5%) e alto (44,8%) afirmaram brincar assim com a criança.

A frequência dos relatos paternos relacionados ao aspecto *suporte emocional* são apresentados na Tabela 7. Essa dimensão equivale a categoria afeto/responsividade do envolvimento paterno (Pleck, 2010) e diz respeito à capacidade do pai de prover suporte emocional para seus filhos, assim como expressar seus sentimentos em relação a eles. Nesta categoria, a maioria dos pais dos três grupos, relataram que “sempre” realizavam atividades, como garantir que a casa fosse segura para a criança (NSE-B 87,1%, NSE-M 81% e NSE-A 89,7%), cuidar da criança quando ela estava doente (NSE-B 90,3%, NSE-M 76,2% e NSE-A 79,3%), dar primeiros socorros quando ela se machucava (NSE-B 96,8%, NSE-M 95,2% e NSE-A 82,8%), tranquilizar (NSE-B 90,3%, NSE-M 95,2% e NSE-A 93,1%), acalmar (NSE-B 83,9%, NSE-M 95,2% e NSE-A 93,1%) ou dizer que amava a criança (NSE-B 93,5%, NSE-M 90,5% e NSE-A 100%), tentar saber se algo estava errado com ela (NSE-B 80,6%, NSE-M 71,4% e NSE-A 89,7%), consolá-la quando ela chorava (NSE-B 96,8%, NSE-M 85,7% e NSE-A 96,6%), assim como parabenizá-la quando ela conseguia fazer algo (NSE-B 83,9%, NSE-M 90,5% e NSE-A 96,6%), ou incentivá-la quando ela consegue fazer algo difícil (NSE-B 74,2%, NSE-M 95,2% e NSE-A 93,1%). Nesta dimensão houve apenas uma diferença marcante entre os grupos: os pais do NSE baixo (83,9%) e alto (72,4%) descreveram que “sempre” interviam quando a criança apresentava sinais de dificuldade e desconforto, enquanto que, a maioria os pais do NSE médio (81%) afirmaram que “regularmente” interviam nesse tipo de situação.

Tabela 4.

Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão *Abertura ao Mundo*.

Abertura ao mundo	NSE Baixo (n= 31)			NSE Médio (n=21)			NSE Alto (n=29)		
	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre
Assistir programa infantil.	6,5% (2)	16,1% (5)	77,4% (24)	-	9,5% (2)	90,5% (19)	-	20,7% (6)	79,3% (23)
Escutar música.	22,6% (7)	22,6% (7)	54,8% (17)	9,5% (2)	33,3% (7)	57,1% (12)	10,3% (3)	37,9% (11)	51,7% (15)
Fazer a criança participar das atividades dos adultos.	54,8% (17)	19,4% (6)	25,8% (8)	61,9% (13)	14,3% (3)	23,8% (5)	13,8% (4)	24,1% (7)	62,1% (18)
Acompanhar na casa de amigos, parentes ou vizinhos.	16,1% (5)	32,3% (10)	51,6% (16)	14,3% (3)	47,6% (10)	38,1% (8)	3,4% (1)	48,3% (14)	48,3% (14)
Ir ao parque.	-	64,5% (20)	35,5% (11)	4,8% (1)	61,9% (13)	33,3% (7)	3,4% (1)	58,6% (17)	37,9% (11)
Passear.	-	48,4% (15)	51,6% (16)	-	23,8% (5)	76,2% (16)	3,4% (1)	48,3% (14)	48,3% (14)
Ensinar esportes.	6,5% (2)	38,7% (12)	54,8% (17)	4,8% (1)	42,9% (9)	52,4% (11)	-	31% (9)	69% (20)
Propor brincadeiras educativas.	3,2% (1)	22,6% (7)	74,2% (23)	23,8% (5)	71,4% (15)	4,8% (1)	-	20,7% (6)	79,3% (23)
Mostrar novos brinquedos.	3,2% (1)	19,4% (6)	77,4% (24)	4,8% (1)	23,8% (5)	71,4% (15)	-	41,4% (12)	58,6% (17)

Tabela 5. Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão *Cuidados Básicos*.

Cuidados básicos	NSE Baixo (n= 31)			NSE Médio (n=21)			NSE Alto (n=29)		
	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre
Dar de comer ou beber.	29% (9)	32,3% (10)	38,7% (10)	9,5% (2)	14,3% (3)	76,2% (16)	-	17,2% (5)	82,8% (24)
Dar banho.	41,9% (13)	9,7% (3)	48,4% (15)	14,3% (3)	28,6% (6)	57,1% (12)	-	24,1% (7)	75,9% (22)
Vestir.	35,5% (11)	19,4% (6)	45,2% (14)	-	33,3% (7)	66,7% (14)	6,9% (2)	3,4% (1)	89,7% (26)
Colocar na cama à noite.	9,7% (3)	12,9% (4)	77,4% (24)	4,7% (1)	14,3% (3)	81% (17)	-	6,9% (2)	93,1% (27)
Supervisionar a rotina matinal.	12,9% (4)	6,5% (2)	80,6% (25)	14,3% (3)	9,5% (2)	76,2% (16)	6,9% (2)	17,2% (5)	75,9% (22)
Cuidar dos cabelos.	54,8% (17)	6,5% (2)	38,7% (12)	23,8% (5)	33,3% (7)	42,9% (9)	17,2% (5)	27,6% (8)	55,2% (16)
Lavar as orelhas.	35,5% (11)	16,1% (5)	48,4% (15)	14,2% (3)	42,9% (9)	42,9% (9)	6,9% (2)	58,6% (17)	34,5% (10)
Levar ao médico ou a outros profissionais de saúde quando necessário	-	12,9% (4)	87,1% (27)	-	9,5% (2)	90,5% (19)	-	24,1% (7)	75,9% (22)
Levantar à noite.	6,5% (2)	29% (9)	64,5% (20)	4,8% (1)	28,6% (6)	66,7% (14)	3,4% (1)	17,2% (5)	79,3% (23)

Tabela 6.

Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão *Jogos Físicos*.

Jogos físicos	NSE Baixo (n= 31)			NSE Médio (n=21)			NSE Alto (n=29)		
	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre
Brincar de lulinha.	29% (9)	16,1% (5)	54,8% (17)	33,3% (7)	9,5% (2)	57,1% (12)	31% (9)	13,8% (4)	55,2% (16)
Fazer cócegas.	25,8% (8)	16,1% (5)	58,1% (18)	4,8% (1)	14,3% (3)	81% (17)	3,4% (1)	3,4% (1)	93,1% (27)
Brincar de cavalinho.	38,7% (12)	25,8% (8)	35,5% (11)	14,3% (3)	28,6% (6)	57,1% (12)	20,7% (6)	34,5% (10)	44,8% (13)
Fazer seu/sua filho (a) rir.	3,2% (1)	6,5% (2)	90,3% (28)	-	4,8% (1)	95,2% (20)	-	3,4% (1)	96,6% (28)

Tabela 7.

Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão *Suporte Emocional*.

Suporte emocional	NSE Baixo (n= 31)			NSE Médio (n=21)			NSE Alto (n=29)		
	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre
Garantir que a casa seja segura.	-	12,9% (4)	87,1% (27)	-	19% (4)	81% (17)	-	10,3% (3)	89,7% (26)
Cuidar quando ele está doente.	-	9,7% (3)	90,3% (28)	-	23,8% (5)	76,2% (16)	-	20,7% (6)	79,3% (23)
Tranquilizar quando ele tem medo.	3,2% (1)	6,5% (2)	90,3% (28)	-	4,8% (1)	95,2% (20)	-	6,9% (2)	93,1% (27)
Olhar quando ele brinca no jardim ou na rua.	-	6,5% (2)	93,5% (29)	4,8% (1)	14,3% (3)	81% (17)	-	24,1% (7)	72,4% (21)
Dar os primeiros socorros quando se machuca.	-	3,2% (1)	96,8% (30)	-	4,8% (1)	95,2% (20)	-	17,2% (5)	82,8% (24)
Tentar saber se algo está errado com	-	19,4% (6)	80,6% (25)	-	28,6% (6)	71,4% (15)	-	10,3% (3)	89,7% (26)

ele.									
Parabenizar quando ele consegue fazer algo.	-	16,1% (5)	83,9% (26)	-	9,5% (2)	90,5% (19)	-	3,4% (1)	96,6% (28)
Consolar quando ele chora.	-	3,2% (1)	96,8% (30)	-	14,3% (3)	85,7% (18)	-	3,4% (1)	96,6% (28)
Acalmar.	3,2% (1)	12,9% (4)	83,9% (26)	-	4,8% (1)	95,2% (20)	-	6,9% (2)	93,1% (27)
Dizer que ama.	-	6,5% (2)	93,5% (29)	-	9,5% (2)	90,5% (19)	-	-	100% (29)
Incentivar quando ele consegue fazer algo difícil.	-	25,8% (8)	74,2% (23)	-	4,8% (1)	95,2% (20)	-	6,9% (2)	93,1% (27)
Intervir quando ele dá sinais de dificuldade ou desconforto.	-	16,1% (5)	83,9% (26)	-	19% (4)	81% (17)	3,4% (1)	24,1% (7)	72,4% (21)

Uma frequência semelhante dos relatos paternos também foi observada na dimensão *disciplina*, que reflete a categoria controle proposta por Pleck (2010) e refere-se as práticas educativas paternas de estabelecer regras de condutas, disciplinar a criança por meio de práticas não coercitivas, supervisionar as atividades da criança, assim como o conhecimento do pai sobre a rotina da criança. A Tabela 8 apresenta os resultados obtidos para essa dimensão. Mais da metade dos pais de todos os grupos relataram que “sempre” corrigiam o comportamento da criança (NSE-B 80,6%, NSE-M 95,2% e NSE-A 96,6%), repreendiam o filho quando ele perturbava, incomodava (NSE-B 67,7%, NSE-M 81%, NSE-A 89,7%) ou desobedecia (NSE-B 83,9%, NSE-M 90,5%, NSE-A 82,8%), e puniam seus filhos quando eles faziam algo de errado (NSE-B 80,6%, NSE-M 81%, NSE-A 82,8%).

A dimensão *tarefas de casa* corresponde à categoria cuidados indiretos de Pleck (2010) e caracteriza-se pela realização de atividades para a criança sem que ocorra a interação direta com ela. Apesar dessa categoria ser subdividida em duas subcategorias, nesse estudo avaliou-se apenas a subcategoria cuidados indiretos materiais, à qual se refere a comportamentos paternos, como comprar e organizar bens e serviços, para a criança. A Tabela 9 apresenta os resultados obtidos para essa dimensão. Constatou-se que, mais da metade dos pais dos três níveis socioeconômicos referiram que “sempre” faziam compras para a casa (NSE-B, NSE-M e NSE-A), programavam a compra de coisas necessárias à criança (NSE-B, NSE-M e NSE-A) e ocupavam-se da manutenção da casa, realizando atividades como lavar louça (NSE-B, NSE-M e NSE-A) e levar o lixo para fora (NSE-B, NSE-M e NSE-A), assim como realizavam consertos e decoração). Ainda em relação às semelhanças das frequências paternas nesta categoria, verificou-se que, 51,6% dos pais de NSE baixo, 61,8% dos pais de NSE médio e 55,2% dos pais de NSE alto informaram que “nunca” lavavam roupa. Observou-se também diferenças nas frequências desta categoria, sendo constatado que, mais da metade dos pais de NSE-M (61,9%) relataram que “sempre” preparavam as refeições, ao passo que, menos da metade dos pais do NSE baixo (38,7%) e alto (44,8%) afirmaram que realizavam “sempre” esse tipo de atividade. Outra disparidade verificada refere-se à atividade de ocupar-se do conserto do carro: 54,8% dos pais de NSE baixo e 52,4% do pais de NSE médio relataram que “nunca” o faziam, enquanto que, a maioria dos pais de NSE alto (58,6%) afirmam que realizavam essa atividade “regularmente”.

A dimensão *evocações* não equivale a nenhuma das categorias propostas por Pleck (2010) sobre o envolvimento paterno porque o referido modelo não possui dimensões que contemplem comportamentos paternos como pensar, lembrar e/ou falar da criança. Contudo, é possível observar que na presente amostra, conforme a Tabela 10, que mais da metade dos

pais dos três níveis socioeconômicos afirmaram que “sempre” contavam a seus colegas de trabalho ou amigos coisas engraçadas sobre seus filhos (NSE-B 54,8%, NSE-M 76,2%, NSE-A 72,4%), falavam sobre eles (NSE-B 51,6%, NSE-M 61,9%, NSE-A 69%), pensavam nos filhos quando não estavam com eles (NSE-B 93,5%, NSE-M 90,5%, NSE-A 96,6%), olhavam suas fotos (NSE-B 71%, NSE-M 66,7%, NSE-A 79,3%) ou lembravam-se deles quando eles eram mais novos (NSE-B 77,4%, NSE-M 81%, NSE-A 72,4%).

Por fim, ressalta-se que a dimensão *processo de responsabilidade* não foi avaliada nesse estudo por se tratar de uma categoria de comportamentos paternos que requerem exemplos de situações nas quais se torne evidente a participação do pai na criação do filho independente da divisão de tarefas pré-estabelecidas com a mãe, sendo esses comportamentos considerados proativos no que tange a assegurar que a necessidade da criança seja satisfeita e que o monitoramento das atividades dela seja realizado. Desse modo, para avaliar essa dimensão, sugere-se a utilização de entrevistas semi-estruturadas ou técnicas de observação. Na próxima seção serão apresentadas as relações entre os dados sociodemográficos e o envolvimento paterno.

Tabela 8.

Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão *Disciplina*.

Disciplina	NSE Baixo (n= 31)			NSE Médio (n=21)			NSE Alto (n=29)		
	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre
Corrigir comportamentos.	-	19,4% (6)	80,6% (25)	-	4,8% (1)	95,2% (20)	-	3,4% (1)	96,6% (28)
Repreender quando ele perturba.	16,1% (5)	16,1% (5)	67,7% (21)	-	19% (4)	81% (17)	-	10,3% (3)	89,7% (26)
Repreender quando ele desobedece.	6,5% (2)	9,7% (3)	83,9% (26)	-	9,5% (2)	90,5% (19)	3,4% (1)	13,8% (4)	82,8% (24)
Punir quando ele (a) fez algo errado.	3,2% (1)	16,1% (5)	80,6% (25)	4,8% (1)	14,3% (4)	81% (17)	-	17,2% (5)	82,8% (24)

Tabela 9.

Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão *Tarefas de Casa*.

Tarefas de casa	NSE Baixo (n= 31)			NSE Médio (n=21)			NSE Alto (n=29)		
	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre
Preparar as refeições.	29% (9)	32,3% (10)	38,7% (12)	28,6% (6)	9,5% (2)	61,9% (13)	37,9% (11)	17,2% (5)	44,8% (13)
Lavar louça.	22,6% (7)	25,8% (8)	51,6% (16)	23,8% (5)	19% (4)	57,1% (12)	10,3% (3)	34,5% (10)	55,2% (16)
Lavar roupa.	51,6% (16)	22,6% (7)	25,8% (8)	61,9% (13)	23,8% (5)	14,3% (3)	69% (20)	20,7% (6)	10,3% (3)
Limpar casa.	16,1% (5)	25,8% (8)	58,1% (18)	19% (4)	33,3% (7)	47,6% (10)	17,2% (5)	44,8% (13)	37,9% (11)
Levar lixo para fora.	6,5% (2)	19,4% (6)	74,2% (23)	-	33,3% (7)	66,7% (14)	3,4% (1)	44,8% (13)	51,7% (15)
Conserto do carro.	54,8% (17)	35,5% (11)	9,7% (3)	52,4% (11)	23,8% (5)	23,8% (5)	20,7% (6)	58,6% (17)	20,7% (6)
Ajeitar a casa.	3,2% (1)	19,4% (6)	77,4% (24)	-	47,6% (10)	52,4% (11)	3,4% (1)	20,7% (6)	75,9% (22)
Fazer compras para a casa.	-	25,8% (8)	74,2% (23)	-	38,1% (8)	61,9% (13)	3,4% (1)	37,9% (11)	58,6% (17)

Programar a compra de coisas necessárias para o filho.	-	25,8% (8)	74,2% (23)	-	28,6% (6)	71,4% (15)	3,4% (1)	24,1% (7)	72,4% (21)
--	---	-----------	------------	---	-----------	------------	----------	-----------	------------

Tabela 10.

Caracterização do Envolvimento Paterno, na Dimensão *Evocações*.

Evocações	NSE Baixo (n= 31)			NSE Médio (n=21)			NSE Alto (n=29)		
	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre	Nunca	Regularmente	Sempre
Contar a seus colegas de trabalho ou amigos, coisas engraçadas que seu filho tenha feito ou dito.	25,8% (8)	19,4% (6)	54,8% (17)	9,5% (2)	14,3% (3)	76,2% (16)	3,4% (1)	24,1% (7)	72,4% (21)
Falar de seu filho aos seus amigos, vizinhos e colegas de trabalho, etc.	9,7% (3)	38,7% (12)	51,6% (16)	-	38,1% (8)	61,9% (13)	-	31% (9)	69% (20)
Pensar em seu filho quando ele não está com você.	-	6,5% (2)	93,5% (29)	-	9,5% (2)	90,5% (19)	-	3,4% (1)	96,6% (28)
Olhar fotos de seu filho.	-	29% (9)	71% (22)	-	33,3% (7)	66,7% (14)	-	20,7% (6)	79,3% (23)
Lembrar-se de seu filho quando ele era mais novo.	-	22,6% (7)	77,4% (24)	-	19% (4)	81% (17)	3,4% (1)	24,1% (7)	72,4% (21)

Relações entre as características sociodemográficas das famílias e o envolvimento paterno

Para se investigar as relações entre fatores sociodemográficos, as dimensões e o *escore total* do QEP foi utilizado o teste de correlação de *Pearson*. A Tabela 11 apresenta os resultados dessa análise exploratória. A idade do pai ($r=0,26$, $p<0,05$) e da mãe ($r=0,27$, $p<0,05$) estiveram correlacionadas positivamente com a dimensão *cuidados básicos*. Essas correlações indicam que, quanto mais idade o pai e a mãe tinham, mais cuidados básicos o pai relatava em relação à criança, ou seja, mais ele se envolvia em atividades de *cuidados básicos*, como dar de comer ou beber a criança, dar banho na mesma ou cuidar de seus cabelos, por exemplo.

O nível de escolaridade, tanto do pai quanto da mãe, esteve associado positivamente à dimensão *cuidados básicos* ($r= 0,36$; $p<0,01$; $r= 0,29$; $p<0,01$, respectivamente), e ao *escore total* do QEP ($r= 0,28$; $p<0,05$; $r= 0,25$; $p<0,05$, respectivamente). Isto é, quanto mais anos de estudo os genitores apresentavam, mais cuidados básicos o pai oferecia a criança e mais envolvimento paterno ele apresentava. Em relação à carga horária de trabalho semanal materna, verificou-se uma correlação positiva entre essa variável e a dimensão *disciplina* ($r= 0,32$; $p<0,05$), indicando que quanto mais tempo por semana as mães trabalhavam, mais comportamentos disciplinadores o pai emitia em relação aos filhos. Já a renda ($r= 0, 24$; $p<0,05$) e o nível socioeconômico da família ($r= 0, 31$; $p<0,05$) estiveram correlacionados positivamente com a dimensão *cuidados básicos*, indicando que, quanto maior era a renda e o nível socioeconômico da família, mais cuidados básicos o pai oferecia à criança. Por fim, constatou-se uma correlação negativa entre o número de pessoas que moravam na casa e as dimensões *jogos físicos* ($r= -0, 23$; $p<0,05$) e *suporte emocional* ($r= -0, 23$; $p<0,05$), indicando que, quanto mais pessoas moravam na casa, menos os pais relatavam interagir fisicamente com as crianças por meio de brincadeiras e gestos (*jogos físicos*), assim como se utilizavam de menos gestos e palavras com o objetivo de tranquilizar e/ou encorajar a criança.

Tabela 11.

Correlações entre as Dimensões e o Escore total do QEP e as Características Sociodemográficas das Famílias (N=81)

Dimensões do Envolvimento Paterno	Idade do pai	Idade da mãe	Idade da criança	Quantidade filhos	Escolaridade do pai	Escolaridade da mãe	Carga horária de trabalho semanal do pai	Carga horária de trabalho semanal da mãe	Renda familiar	NSE da família	Tempo pai e mãe moram juntos	Número de residentes	Escore SRQ-20 do pai
Abertura ao mundo	0,08	-0,07	-0,01	-0,009	0,20	0,09	-0,03	0,11	0,09	0,09	0,22	-0,11	0,07
Cuidados básicos	0,26*	0,27*	0,02	-0,09	0,36**	0,29**	-0,19	-0,04	0,24*	0,31*	0,01	0,01	-0,07
Disciplina	-0,07	-0,05	0,005	0,06	0,13	0,01	-0,04	0,32*	0,09	0,10	-0,11	0,05	-0,06
Evocações	0,08	0,001	0,14	-0,11	0,10	0,20	0,05	0,003	0,01	0,66	0,08	-0,18	0,07
Jogos físicos	0,02	-0,06	-0,07	-0,07	0,20	0,18	-0,12	-0,03	0,06	0,16	-0,12	-0,23*	-0,14
Suporte emocional	0,01	-0,04	0,09	-0,09	0,04	0,02	0,02	0,12	0,04	-0,002	-0,001	-0,23*	0,20
Tarefas de casa	0,08	0,10	-0,08	-0,008	0,04	0,12	-0,08	0,005	0,01	-0,06	0,003	-0,08	-0,06
Escore total	0,14	0,08	-0,03	-0,06	0,28*	0,25*	-0,11	0,08	0,14	0,18	-0,01	-0,15	-0,06

*p<0,05

**p<0,01

Na próxima seção serão apresentadas as diferenças no envolvimento paterno entre os três grupos.

Diferenças no envolvimento paterno entre os três níveis socioeconômicos

Com o objetivo de verificar se existiam diferenças no envolvimento paterno entre os três grupos, inicialmente foi realizada a verificação dos pressupostos da ANCOVA, a saber: a) relação linear entre as covariáveis (saúde mental paterna, idade materna, carga horária de trabalho semanal paterna e materna) e o NSE da família (variável resposta), b) homogeneidade de variâncias entre os grupos, e c) homogeneidade de coeficientes de regressão das covariáveis sobre a o NSE da família entre os grupos (Agranonik & Machado, 2011; Field, 2009).

O primeiro pressuposto foi verificado através do teste de correlação de *Pearson*. De acordo com Agranonik e Machado (2011), somente quando ocorrem correlações superiores a 0,3 ou inferiores a -0,3 entre a candidata a covariável e a variável resposta é que se realiza a ANCOVA. Desse modo, conforme a Tabela 12, não foi possível proceder a ANCOVA, tendo como covariáveis a saúde mental do pai ($r = -0,09$; $p < 0,05$) e a carga horária de trabalho semanal paterna ($r = -0,08$; $p < 0,05$) e materna ($r = -0,22$; $p < 0,05$), tendo em vista que as correlações existentes não atenderam ao pressuposto citado. Todavia, a idade materna esteve correlacionada positivamente com o NSE da família ($r = 0,33$; $p < 0,01$), isto é, quanto mais idade tinha a mãe, maior era o nível socioeconômico da família. Neste caso, a idade materna pode ser incluída como covariável, pois o valor da correlação foi superior a 0,3. Em seguida, foram testados os pressupostos da homogeneidade de variâncias entre os grupos e do coeficiente de regressão da idade materna sobre o NSE da família entre os grupos.

Tabela 12.

Correlações entre as Variáveis Candidatas a Covariáveis e o NSE da Família.

Candidata a covariável	NSE da família
Saúde mental paterna	-0,09
Idade materna	0,33**
Carga horária de trabalho semanal do pai	-0,08
Carga horária de trabalho da mãe	-0,22

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

O pressuposto da homogeneidade de variâncias entre os grupos, tanto no escore total quanto nas dimensões do envolvimento paterno avaliadas pelo QEP, foi testado através do

teste de *Levene*. Os resultados desse teste indicaram que as variâncias nos grupos são homogêneas, isto é, a variação do nível socioeconômico da família podem ser consideradas iguais no *escore total* do QEP, $F(2,78)=0,78$, $p=0,281$; e nas dimensões *abertura ao mundo* $F(2,78)=0,73$, $p=0,48$; *suporte emocional* $F(2,78)=0,72$, $p=0,487$, *disciplina* $F(2,78)=2,106$, $p=0,12$, *tarefas de casa* $F(2,78)=2,186$, $p=0,119$ e *evocações* $F(2,78)=2,962$, $p=0,058$. Todavia, nas dimensões *cuidados básicos* $F(2,78)=7,917$, $p=0,001$ e *jogos físicos* $F(2,78)=4,359$, $p=0,016$, o pressuposto da homogeneidade de variâncias entre os grupos não foi atendido, já que, as variâncias devido ao NSE da família não foram iguais.

Por fim, foi testado o terceiro pressuposto, que se refere à homogeneidade de coeficientes de regressão da idade materna sobre o NSE da família entre os grupos, no *escore total* do QEP e nas dimensões *abertura ao mundo*, *suporte emocional*, *disciplina*, *tarefas de casa* e *evocações*, tendo em vista que o pressuposto da homogeneidade de variâncias entre os grupos foi atendido, considerando-se as variáveis citadas como dependentes. De acordo com essa suposição, esperava-se que as retas de regressão entre a idade materna e o NSE da família sejam paralelas, isto é, que o valor do coeficiente de interação não fosse significativo ($p>0,05$). Esse pré-requisito foi verificado inserindo-se o termo de interação no modelo da ANCOVA. Conforme o esperado, os resultados do termo de interação não foram significativos para o *escore total* do QEP ($p=0,46$) e as dimensões *abertura ao mundo* ($p=0,37$), *suporte emocional* ($p=0,93$), *disciplina* ($p=0,59$), *tarefas de casa* ($p=0,55$) e *evocações* ($p=0,96$).

As decisões sobre quais procedimentos estatísticos seriam utilizados para a análise dos dados foram condicionadas à satisfação dos pressupostos da ANCOVA. Desse modo, para examinar as diferenças no envolvimento paterno entre os três grupos no *escore total* do QEP e nas dimensões *abertura ao mundo*, *suporte emocional*, *disciplina*, *tarefas de casa* e *evocações*, foi utilizada a ANCOVA, tendo em vista que os pressupostos inerentes a esse teste foram atendidos. Para verificar as diferenças no envolvimento paterno nas dimensões *cuidados básicos* e *jogos físicos* foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis, alternativa não paramétrica à ANOVA, devido à distribuição da amostra. A Tabela 13 apresenta os resultados da ANCOVA. De acordo com esses resultados, não foram observadas diferenças entre os grupos no que tange às dimensões *abertura ao mundo* ($F(2,78)=0,73$, $p=0,43$), *suporte emocional* ($F(2,78)=0,72$, $p=0,91$), *disciplina* ($F(2,78)=2,10$, $p=0,51$), *tarefas de casa* ($F(2,78)=2,18$, $p=0,61$), *evocações* ($F(2,78)=2,96$, $p=0,89$) e *escore total* do QEP ($F(2,78)=1,29$, $p=0,34$).

Tabela 13.

Média e Desvio-padrão dos Escores das Dimensões de Envolvimento Paterno nos Três Níveis Socioeconômicos, valores de F e p (ANCOVA)

Dimensões	NSE Baixo	NSE Médio	NSE Alto	F	p
	M (DP)	M (DP)	M (DP)		
<i>Abertura ao mundo</i>	3,51 (0,72)	3,51 (0,70)	3,70 (0,57)	0,73	0,43
<i>Suporte emocional</i>	4,66 (0,38)	4,62 (0,37)	4,59 (0,32)	0,72	0,91
<i>Disciplina</i>	4,29 (0,71)	4,48 (0,55)	4,46 (0,53)	2,10	0,51
<i>Tarefas de casa</i>	3,32 (0,50)	3,21 (0,66)	3,25 (0,61)	2,18	0,11
<i>Evocações</i>	4,00 (0,87)	4,14 (0,71)	4,13 (0,64)	2,96	0,89
Escore total QEP	4,25 (0,50)	4,41 (0,43)	4,45 (0,39)	1,29	0,34

A Tabela 14, por sua vez, apresenta os resultados do teste de *Kruskal-Wallis*. Os comportamentos paternos na dimensão cuidados básicos foram significativamente afetados pelo nível socioeconômico da família ($H(2) = 6,90$, $p < 0,05$). Testes de Mann-Whitney foram utilizados para a discriminação desses resultados e, para evitar que algumas das análises inferenciais resultassem em níveis de probabilidade associada baixos, foi aplicada uma correção de Bonferroni. A partir dessa correção, o nível de probabilidade associada adotada passou a ser o de 0,0167, esse valor foi obtido a partir da divisão da tradicional variável de critério de significância (0,05) pelo número de testes realizados. Nesse estudo foram realizados três testes de Mann-Whitney.

Tabela 14.

Mediana e Desvio-padrão dos Escores das Dimensões *Cuidados Básicos* e *Jogos Físicos* de Envolvimento Paterno nos Três Níveis Socioeconômicos, valores de F e p (*Kruskal-Wallis*)

Dimensões	NSE Baixo	NSE Médio	NSE Alto	F	p
	M (DP)	M (DP)	M (DP)		
Cuidados básicos	3,38 (0,94)	3,79 (0,72)	3,98 (0,45)	2	0,03
Jogos físicos	3,37 (1,19)	3,82 (0,89)	3,79 (0,73)	2	0,34

Os resultados dos testes de *Mann-Whitney* indicaram que entre os pais de NSE baixo e médio não foram encontradas diferenças relacionadas às dimensões cuidados básicos

($U=239$, $z= -1,61$; $p= 0,10$) e jogos físicos ($U=259$, $z= -1,24$; $p= 0,21$). Entre os pais do NSE médio e NSE alto, o U de *Mann-Whitney* para a dimensão cuidados básicos foi 266,50 ($z= -0,20$, $p= 0,45$) e para a dimensão jogos físicos foi 294 ($z= -0,20$, $p= 0,83$), indicando que não existem diferenças entre esses grupos.

Em relação a possíveis diferenças entre o NSE baixo e o NSE alto, constatou-se que não existem diferenças na dimensão jogos físicos, já que o U de *Mann-Whitney* foi 368 ($z= -1,20$, $p= 0,22$). No entanto, foram encontradas diferenças em relação à dimensão cuidados básicos entre esses grupos, indicando que os pais de NSE alto relataram realizar mais atividades, como dar de comer ou beber ao filho, banhar ou vestir a criança, bem como levá-la ao médico se necessário, do que os pais de NSE baixo ($U= 276,50$, $z= -2,55$; $p= 0,010$).

Tabela 15.

Mediana e Desvio-padrão do Escore da dimensão *Cuidados Básicos* de Envolvimento Paterno nos NSE Baixo e Médio, e valores de U e p (Teste *Mann-Whitney*).

Dimensões	NSE da família	Mediana	U	p
		Md (DP)		
Cuidados básicos	Baixo	3,38 (0,94)	239,00	0,10
	Médio	3,68 (0,72)		

Tabela 16.

Mediana e Desvio-padrão do Escore da Dimensão *Cuidados Básicos* nos NSE Médio e Alto e valores de U e p (Teste *Mann-Whitney*).

Dimensões	NSE	Média	U	p
		M (DP)		
Cuidados básicos	Médio	3,68 (0,72)	266,50	0,45
	Alto	3,94 (0,95)		

Tabela 17.

Mediana e Desvio-padrão do Escores da Dimensão *Cuidados Básicos* nos NSE Baixo e Alto e valores de U e p (Teste *Mann-Whitney*).

Dimensões	NSE	Média	U	p
		M (DP)		

Cuidados básicos	Baixo	3,38 (0,94)	276,50	0,01
	Alto	3,94 (0,95)		

DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi caracterizar o envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos. Para tanto, foram elaboradas três hipóteses que foram testadas e serão discutidas a seguir.

A primeira hipótese foi a de que os pais de NSE alto apresentariam maior nível de envolvimento paterno do que os pais de NSE médio que, por sua vez, apresentariam mais envolvimento paterno do que os pais de NSE baixo. Essa hipótese recebeu pouco apoio dos resultados, pois se constatou que os pais de NSE alto apresentavam maior nível de envolvimento com seus filhos apenas na dimensão *cuidados básicos*, quando comparados aos pais de NSE baixo. A dimensão *cuidados básicos* corresponde à categoria engajamento positivo em atividades proposta por Pleck (2011) e refere-se a comportamentos paternos como alimentar, vestir e dar banho na criança, bem como colocá-la na cama à noite, supervisionar sua rotina matinal, levá-la ao médico quando necessário e levantar à noite para atendê-la.

As atividades inerentes a dimensão *cuidados básicos* referem-se à participação paterna em funções, histórica e socialmente, consideradas como sendo exclusivas da mãe (Bucher & Sutter, 2008; Vieira *et al.*, 2014), o que pode nos levar a supor que os pais de NSE alto estão cada vez mais propensos a participarem dos cuidados diretos da criança, seja porque sua companheira está trabalhando, seja porque não deseja reproduzir o mesmo padrão ao qual foi exposto durante a infância (Prado & Aragão, 2014; Kim & Hill, 2015). Além disso, é possível que os pais de nível socioeconômico alto, conforme os resultados deste estudo, sejam aqueles que estão mais predispostos a se envolverem em atividades relacionadas aos cuidados básicos da criança em virtude de possuírem uma carga horária de trabalho semanal inferior à dos pais de NSE baixo, o que possibilitaria a eles estarem mais presentes no cotidiano dos filhos (Pimenta, 2010). Condições relacionadas ao ambiente de trabalho também podem interferir na qualidade da interação pai-criança, tendo em vista que, pouco suporte no ambiente de trabalho pode repercutir negativamente no envolvimento paterno (Goodman, 2008).

Outro fator que pode ter contribuído para que os pais de NSE alto estivessem mais envolvidos em atividades de *cuidados básicos* com a criança do que os pais de NSE baixo, refere-se ao status ocupacional da mãe, aspecto relacionado também ao nível socioeconômico da família. No grupo de pais de NSE alto, por exemplo, mais da metade das mães

trabalhavam, enquanto que, no grupo de pais de NSE baixo, a relação foi contrária, isto é, a maioria das mães desse grupo não trabalhavam. Apesar de não terem sido verificadas diferenças quanto a carga horária de trabalho semanal das mães, é possível conjecturar que, devido ao fato de a mãe está em casa, o pai pode ser menos solicitado a participar dos cuidados diretos com a criança, já que a mãe está disponível para realizar essas atividades.

Concomitante a esses fatores, alguns estudos sugerem que os homens de camadas mais populares e latino-americanos ainda vivenciam a divisão de tarefas a partir da divisão sexual do trabalho (Bustamante, 2005; Drago & Menandro, 2014; Kim & Hill, 2015). Ou seja, as mulheres ainda seriam, exclusivamente, responsáveis pelos cuidados com a criança, enquanto que os homens seriam os provedores. Bustamante (2005), por exemplo, constatou que os homens de camadas mais populares ainda entendem o cuidado em relação à criança como uma atribuição feminina, sendo a sua função prover financeiramente a família. Nessa mesma direção, Drago e Menandro (2014) ao entrevistarem jovens universitários de nível socioeconômico baixo e médio, encontraram resultados semelhantes. Nesta pesquisa, os jovens associavam a imagem da mãe aos cuidados com os filhos e a imagem do pai à responsabilidade e sustento financeiro. Prado e Abrão (2014), por sua vez, em revisão de literatura, verificaram que, apesar de o pai estar mais presente no cotidiano dos filhos, esperase que ele continue a prover financeiramente a família, e Kim e Hill (2015) afirmaram que os pais latino-americanos, quando comparados aos pais europeus, apresentavam mais comportamentos baseados na divisão sexual do trabalho.

Ainda quanto à relação entre NSE e a dimensão *cuidados básicos*, outro achado do presente estudo chama atenção: as correlações positivas entre escolaridade materna e paterna, renda familiar e a dimensão *cuidados básicos*. Em relação à influência da escolaridade materna sobre o envolvimento paterno, em especial, na dimensão *cuidados básicos*, supõe-se que, à medida que mãe se qualifica, ela tem mais chances de ingressar no mercado de trabalho, sendo, desse modo, necessário que o pai participe mais ativamente dos cuidados com a criança, já que, a mesma não pode ficar desassistida (Arruda & Lima, 2013). Além disso, o acesso à informação por parte dessas mulheres pode instrumentalizá-las a exigir mais a participação do parceiro nesse tipo de atividade. Em relação aos estudos sobre o tema, England e Srivastava (2013) constatou que o nível de escolaridade da mãe influencia positivamente a cuidado do pai com a criança. Essas autoras argumentaram que o fato do pai participar mais das atividades com os filhos, pode não ocorrer em virtude do nível de escolaridade deles, mas pelo fato de a mãe ser mais escolarizada e, desse modo, exigir dele uma participação mais intensa.

Já em relação à influência positiva da escolaridade paterna e da renda em atividades de *cuidados básicos*, bem como as correlações positivas entre o nível de escolaridade paterna e o *escore total* do envolvimento paterno, alguns estudos têm indicado resultados semelhantes. No contexto internacional, por exemplo, pesquisas têm associado o nível de escolaridade do pai e da mãe ao maior envolvimento dos pais em atividades de cuidado com os filhos (Reich, 2012; England & Srivastava 2013; Gracia, 2014). Reich (2012) investigou a diferença entre a participação e a quantidade de tempo em que os pais de dez países (Canadá, Finlândia, França, Itália, Alemanha, Holanda, Noruega, Suécia, Reino Unido e Estados Unidos) investiam nos cuidados com suas crianças entre os anos de 1987 e 2005. Nesse estudo, o nível de escolaridade do pai foi um forte preditor de sua participação nos cuidados com a criança entre os pais franceses, italianos, holandeses, noruegueses, ingleses e americanos, entretanto, essa mesma relação não foi verificada quando se analisou a influência da escolaridade paterna sobre a quantidade de tempo que o pai dedicava aos cuidados com a criança, ou seja, apesar do nível de escolaridade do pai influenciar na sua participação nos cuidados com a criança, aparentemente, essa variável não parecer ter o mesmo poder preditivo quando se visa investigar a quantidade de tempo que o pai investe nos cuidados com a criança.

England e Srivastava (2013), por sua vez, investigaram como o nível de escolaridade dos pais (mães e pais) influenciava o tempo que eles destinavam aos cuidados infantis. Os dados analisados foram provenientes do Estudo Americano do Uso do Tempo (2003-2011). As autoras constataram que, quanto maior era o nível de escolaridade do pai, apesar de eles possuírem maior carga horária de trabalho, mais o pai se envolvia em atividades de cuidados com a criança.

A partir dessa mesma perspectiva, Garcia (2014) realizou um estudo com o objetivo de verificar as relações entre escolaridade paterna, status ocupacional da mãe e envolvimento paterno em cuidados com a criança e constatou que os pais que tinham uma criança menor de dois anos e nível superior completo apresentavam maior quantidade de tempo dedicado aos cuidados físicos com a criança, quando comparados aos pais que tinham a educação básica. Contudo, essa diferença não foi significativa quando os pais de nível superior foram comparados aos pais que tinham o ensino secundário completo. No entanto, em famílias cujos filhos mais novos tinham entre três e cinco anos, os pais com maior nível de escolaridade eram desproporcionalmente mais envolvidos em atividades de cuidados infantis interativos (interação verbal, jogos e ensino de habilidades) do que os pais com menor escolaridade.

Ainda em relação à escolaridade e renda familiar, Cabrera e Bradely (2012), em revisão de literatura sobre os pais latino-americanos, verificaram que, em geral, os pais que são mais educados e têm maior renda tendem a ser mais envolvidos na vida de seus filhos do que outros pais que não dispõem dos mesmos recursos. No Brasil, o estudo de Souza e Benetti (2008) corroborou esse achado, indicando que, quanto mais renda e escolaridade os pais possuíam, mais eles se envolviam com os filhos. Em contrapartida, outros estudos brasileiros não encontraram relações entre essas duas variáveis (Falceto, Fernandes, Baratojo & Giugliani, 2008; Bossardi et al., 2013).

Sendo assim, os achados do presente estudo junto a outras evidências da literatura que relacionam maior escolaridade com maior envolvimento paterno, sugerem que pais com maior nível de escolaridade vivenciam mais plenamente a divisão de tarefas com a parceira, tanto no que se refere aos cuidados básicos, em particular, como a atividades em geral com a criança, apesar dos estereótipos de gênero acerca dessas tarefas. Nesse sentido, argumenta-se que os pais com maior nível de escolaridade, possuem mais acesso a informação e recursos, além de crenças de auto-eficácia relacionadas a parentalidade (Cabrera & Bradley, 2012), o que possibilitaria que eles adquirissem habilidades inerentes ao comportamento parental, bem como promovesse uma divisão de tarefas mais igualitária com a companheira.

De qualquer modo, é necessário discutir a ausência de diferenças significativas nas demais dimensões do envolvimento paterno entre os diferentes níveis socioeconômicos, analisados no presente estudo. Os resultados revelaram que os pais dos três níveis socioeconômicos fizeram relatos muito semelhantes quanto a todas as demais atividades que caracterizaram o envolvimento paterno. Apesar de muitos estudos indicarem a existência de diferença, na participação do pai nos cuidados com a criança, relacionadas ao nível socioeconômico ou a fatores associados ao NSE, na amostra de pais soteropolitanos investigados não houve impacto do NSE, enquanto variável composta pelos fatores escolaridade e ocupação, sobre as demais dimensões do envolvimento paterno.

Essa ausência de diferença no envolvimento paterno entre os grupos pode ter ocorrido em virtude da idade das crianças, pois, conforme aponta Garcia (2014), os pais de crianças em idade pré-escolar tendem a ser, de fato, mais envolvidos na criação dos filhos do que os pais de crianças mais velhas. Nesse caso, tal diferença se justificaria pelo fato de que, as crianças menores precisam de mais assistência, ao passo que as crianças maiores são mais independentes, sendo capazes de realizar sozinhas atividades como comer, vestir-se ou banhar-se. Além disto, fatores culturais e sociais como o incentivo a participação do homem na criação do filho, assim como o reconhecimento de que o pai é importante para o

desenvolvimento infantil podem incentivar os pais a estarem mais presentes na criação de seus filhos.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (Brasil, 2009), por exemplo, tem como um de seus principais eixos a paternidade, privilegiando aspectos relacionados a participação ativa do homem, desde o planejamento reprodutivo até os cuidados básicos com a criança, tais como: acompanhamento em consultas médicas, promoção de hábitos de higiene, apoio psicológico e disponibilidade afetiva. Ademais, a política também visa a valorizar modelos de masculinidade voltados para a cooperação, diálogo, respeito e igualdade de gênero.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) é outro mecanismo que estimula o envolvimento paterno, já que, legitima, não só a participação financeira do pai na criação dos filhos, mas também estimula e compreende que, é direito da criança e do adolescente a convivência com ele, o que inclui a implicação do pai em aspectos relacionados ao desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial da criança. Ademais, o Estatuto também prever penalidade para o pai que negligencia os cuidados com o filho. Por fim, cita-se, a instituição da guarda compartilhada, que tem como um de seus objetivos assegurar a participação do pai na criação do filho, pois entende-se que, a despeito do rompimento conjugal, as atividades relacionadas aos cuidados da criança devem ser compartilhadas entre pai e mãe, priorizando, desse modo, o bem-estar da criança (Schneebeli & Menandro, 2014). Diante desse contexto, é possível concluir que, diversos mecanismos políticos e jurídicos contribuem para uma reformulação acerca dos papéis a serem desempenhados por pais e mães na sociedade contemporânea, o que, por sua vez, parece promover uma maior participação do homem, a despeito do contexto socioeconômico e cultural no qual está inserido, na criação dos filhos.

No que tange a segunda hipótese, esperava-se que, pais com maior nível de escolaridade estivessem mais envolvidos em atividades de *cuidados indiretos* do que pais com menor nível de escolaridade. Os cuidados indiretos caracterizam-se pela realização, por parte do pai, de atividades como, comprar e organizar bens e serviços para a criança. Apesar de alguns estudos indicarem uma relação positiva entre escolaridade e cuidados indiretos, os achados do presente estudo não corroboraram essa hipótese. O fato de não serem verificadas diferenças entre os pais nesse sentido, revela que, independentemente, do nível de escolaridade e da ocupação e renda que possuem, os pais de diferentes NSE se envolvem de modo semelhante na organização de bens e serviços para a criança e isto pode ter ocorrido em virtude desses cuidados referirem-se a tarefas tradicionalmente concebidas como

responsabilidades do pai, ou seja, as suas atribuições como provedor da família, e que isso explicaria a ausência de diferenças entre os grupos (Arruda & Lima, 2013; Cúnico & Arpini, 2013).

Por fim, a terceira hipótese previa uma relação entre a carga horária de trabalho semanal do pai e o nível de envolvimento paterno, ou seja, pais com menor carga horária de trabalho seriam mais envolvidos em atividades de lazer e brincadeiras do que pais com maior carga horária de trabalho. Essa hipótese não foi corroborada. Os estudos internacionais que investigaram essa relação chegaram a resultados contraditórios, conforme afirmam Pancsofar, Vernon-Feagans e Odom (2013). No entanto, no contexto brasileiro, há evidências quanto ao impacto da carga horária de trabalho semanal do pai sobre o seu envolvimento com a criança e isso se torna claro nas pesquisas desenvolvidas por Beltrami e Bottoli (2010), e por Gomes, Crepaldi e Brigas (2013).

Embora a relação entre a carga horária de trabalho do pai e o envolvimento paterno não tenha sido confirmada, verificou-se uma correlação positiva entre a carga horária de trabalho materna e o envolvimento paterno. Quanto mais a mãe trabalhava durante a semana, mais o pai relatava comportamentos disciplinadores em relação ao filho. Esta relação pode ser explicada pelo fato de que, na ausência mais longa da mãe de casa em função do trabalho, o pai possa ficar mais exposto a episódios de conflito com a criança sem que a mãe esteja presente para ajudar a resolvê-los. Outra possibilidade é a de que, ao perceber a carga de trabalho expressiva da esposa ou companheira, o pai fique mais sensível à necessidade de apoiar a mulher na difícil tarefa de disciplinar comportamentos do filho.

Nesse sentido, outros estudos têm encontrado associações entre o status ocupacional da mãe e o envolvimento paterno. No contexto internacional, Reich (2012) constatou que os pais italianos seriam mais propensos a engajar-se em atividades de cuidados, caso a mãe trabalhasse em tempo integral ou tivesse a carga horária de trabalho desconhecida. O resultado do estudo de Garcia (2015) encontrou a mesma relação, isto é, quanto mais as mães trabalhavam, mais os pais se dedicavam aos cuidados com a criança. Em contrapartida, Reich (2012) verificou uma relação oposta entre os pais ingleses, franceses e canadenses. Isto é, se a esposa trabalhava em tempo integral ou não estava empregada, os pais relatavam participar menos dos cuidados com a criança, enquanto que, entre pais finlandeses, alemães, holandeses, suecos e americanos não foram verificadas relações entre carga horária de trabalho semanal da mãe e os cuidados que o pai dispensava a criança.

Outro resultado interessante encontrado neste estudo, refere-se ao fato de que, quanto mais pessoas residiam na casa, menos o pai se envolvia em atividades de *jogos físicos* e

suporte emocional com a criança. Apesar da maioria dos pais dos três grupos terem revelado participar dessas atividades com seus filhos, é possível que essa relação tenha ocorrido em virtude da presença de outras pessoas disponíveis para cuidar ou dar atenção à criança. Nesse contexto, talvez o pai não assuma essa função plenamente, tendo em vista que, na presença de outras pessoas, como a mãe da criança ou as avós, ele se sinta menos responsável por oferecer assistência a ela, devido ao surgimento de um senso de responsabilidade difusa. Isto é, o pai pode partilhar da crença de que a responsabilidade, por oferecer suporte emocional ou brincar com a criança, é compartilhada ou distribuída entre as pessoas que estão no mesmo ambiente que ela, o que provocaria nele, menos investimento para engajar-se em tais comportamentos (Feldman, 2015).

Ademais, foram verificadas correlações positivas entre as idades materna e paterna e a dimensão *cuidados* básicos. De fato, alguns estudos têm indicado que quanto mais idade tem o pai e a mãe, mais envolvidos eles estão com suas crianças (Lima, 2008; Castillo, Welch & Sarver). Outros, no entanto, afirmam que esse tipo de relação não existe (Souza e Benetti; 2008; Pimenta et al., 2010; Riemks et al., 2011; Bossardi et al., 2013; Coates e Phares, 2013). Contudo, esse fenômeno pode estar associado a diminuição das taxas de natalidade em nosso país (IBGE, 2013), o que contribuiria para que os pais investissem mais tardia e intensamente nos filhos, favorecendo, desse modo, o bem-estar deles.

Por fim, ressalta-se que os achados do presente estudo contribuem para uma melhor compreensão de como os fatores socioeconômicos podem contribuir para o envolvimento paterno, assim como evidencia-se como uma contribuição importante sobre o tema, tendo em vista que é um dos poucos estudos que se debruçaram sobre a influência dos fatores socioeconômicos sobre o envolvimento paterno no contexto brasileiro. Dentre as limitações inerentes a essa investigação, podemos citar a quantidade de participantes, a dificuldade em se recrutar pais que atendessem aos critérios da amostra devido à baixa adesão deles a estudos como este, o que pode ser decorrente de inúmeros fatores, tais como carga horária de trabalho e pouca familiaridade com pesquisadores. Ademais, vale ressaltar que, no contexto brasileiro, ainda não existem instrumentos validados para investigar a relação pai-criança, o que pode, quando se utiliza instrumentos adaptados, omitir as particularidades da interação pai-criança. Por fim, indica-se investigações futuras com o objetivo de explorar melhor como os fatores socioeconômicos, assim como as variáveis culturais e sociais contribuem para a interação pai-criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do presente estudo indicaram que o nível socioeconômico da família apresentou impacto apenas sobre a dimensão dos cuidados básicos paternos em relação à criança. Além da diferença constatada nessa dimensão do envolvimento paterno entre o NSE alto e o NSE baixo, componentes específicos do NSE como a escolaridade materna e paterna, e a renda familiar também estiveram correlacionados aos cuidados básicos dispensados pelo pai. Houve ainda correlações positivas entre a escolaridade materna e paterna e o escore total do QEP, e entre a carga horária de trabalho semanal da mãe e a dimensão *disciplina*. Por fim, constatou-se que quanto maior o número de residentes na casa menos o pai se engajava em comportamentos das dimensões *jogos físicos* e *suporte emocional*. Esses resultados evidenciaram que, apesar de o nível socioeconômico enquanto variável composta por diferentes indicadores combinados, não impactar diretamente a maior parte das dimensões do envolvimento paterno, os componentes específicos do NSE como escolaridade, renda e carga horária de trabalho semanal da mãe, contribuem para que o pai seja mais presente nos cuidados com os filhos.

Ressalta-se a importância de se continuar investigando o papel do pai, bem como as crenças e mecanismos culturais que podem mediar as diferentes formas com que os homens têm vivenciado novas atribuições no contexto familiar. Desse modo, futuras pesquisas podem vir a investigar fatores socioeconômicos que permeiam a divisão de tarefas entre os cônjuges, a participação do pai na criação dos filhos e quais são os fatores que, contribuem, direta ou indiretamente, para a promoção do envolvimento paterno na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- Agranonik, M., & Machado, L. R. (2011). Análise de Covariância: uma aplicação a dados de função pulmonar, ajustados por idade. *Revista HCPA*, 31, (2), 248-253.
- Alves, M. T. G., & Soares, J. F. (2009). Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional. *Opinião Pública*, 15, (1), 1-30.
- Amato, P. R., & Rivera, F. (1999). Paternal Involvement and Children's Behavior Problems. *Journal of Marriage and the Family*, 61(2), 375.
- Arruda, S. L. S., & Lima, M. C. F. (2013). O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina*, 4, (2), 201-216.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, Critério de Classificação Econômica Brasil. (2014). Retirado de: <http://www.abep.org/new/Servicos/Download.aspx?id=09&p=cb>.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Benetti, S. P. C., & Balbinotti, M. A. A. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do Inventário de Práticas Parentais. *Psico-USF*, 8, (2), 103-113.
- Borsa, J. C. , & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29, (64), 31-39.
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Psicologia Argumento, Curitiba*, 31, (73), 237-246.
- Bustamante, V., & Trad, L. A. B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, 21, (6), 1865-1874.
- Brasil (1990). Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Brasília, DF.
- Brasil, M. S. (2009). Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília.
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. (2000). Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From toddlers to pre-k. *Applied Development Science*, 11, 208-213.

- Cabrera, N. J., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the dynamics of paternal influences on children over the life course. *Applied Development Science*, 11, (4), 185–189.
- Cabrera, N. J., & Bradley, R. H. (2012). Latino fathers and their children. *Child Development Perspectives*, 6, (3), 232-238.
- Castillo, J., Welch, G., & Sarver, C. (2011). Fathering: The relationship between fathers' residence, fathers' sociodemographic characteristics, and father involvement. *Maternal and Child Health Journal*, 15, (8), 1342-1349.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 8, (especial) 45-54.
- Cia, F. (2005). *O impacto do turno de trabalho do pai no desempenho acadêmico e no autoconceito de crianças escolares*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos.
- Cia, F., Williams, L. C. A. & Aiello, A. L. R. (2005). Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9, (2), 225-233.
- Cia, F. & Barham, E. J. (2009). O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando atividades escolares. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 14, (1), 67-74.
- Coates, E. E., & Phares, V. (2013). Predictors of paternal involvement among nonresidential, black fathers from low-income Neighborhoods. *Psychology of Men & Masculinity*, 1-14.
- Cole, M. & Cole, S. R. (2003). *O desenvolvimento da Criança e do Adolescente*. Porto Alegre: Artmed.
- Crepaldi, M.A., Vieira, M.L., Bossardi, C.N., Gomes, L.B., & Bolze, S. D. A. (2013). Questionário de Engajamento Paterno. Manuscrito não publicado.
- Creswell, J. W. (2010). *Projetos de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). A família em mudança: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando Famílias*, 17, (1), 28-40.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2013). *Estatística sem matemática para Psicologia*. Porto Alegre: Penso.

- Dessen, M. A., & Oliveira, M. R. (2013). Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai real e pai ideal na perspectiva materna. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, (1), 184-192.
- Drago, A. B., & Menandro, M. C. S. (2014). A Paternidade e a Maternidade sob o olhar de jovens de classe média e baixa: Um estudo em representações sociais. *Revista Colombiana de Psicologia*, 22, (2), 331-324.
- England, P., & Srivastava, A. (2013). Educational differences in US parents' time spent in child care: the role of culture and cross-spouse influence. *Social Science Research*, 42, 971-986.
- Falceto, O. G., Fernandes, C. L., Baratojo, C., & Giugliani, E. R. J. (2008). Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. *Revista de Saúde Pública*, 42(6), 1034–1040.
- Feldman, R. S. (2015). Introdução à Psicologia. Porto Alegre: ARTMED.
- Field, Andy. (2009). Descobrimo a estatística usando o SPSS. Porto Alegre: ARTMED.
- Gaertner, B. M., Spinrad, T. L., Eisenberg, N., & Greving, K. A. (2007). Parental childrearing attitudes as correlates of father involvement during infancy. *Journal of Marriage and Family*, 69, 962-976.
- Garcia, P. (2014). Father's child care involvement and children's age Spain: a time use study on differences by education and mothers' employment. *European Sociological Review*.
- Gil, M. S. C. A., Oliveira, T. P. & Sousa, N. M. (2012). Desenvolvimento Humano. In: Hübner, M. M. C & Moreira, M. B. (Orgs). *Temas Clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Kogan, pp. 129-141, 2012.
- Goodman, W. B., Crouter, A. C., Lanza, S. T., Cox, M. J., & Vernon-Feagans. (2011). Paternal work stress and latent profiles of father-infant parenting quality. *Journal of Marriage and Family*, 73, 588-604.
- Gomes, L. B., Bossardi, C. N., Cruz, R. M., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2014). Propriedades psicométricas de instrumentos de avaliação do envolvimento paterno: revisão de literatura. *Avaliação Psicológica*, 13 (1), 19-27.
- Gomes, L. B., Crepaldi, M. A., & Bigras, M. (2013). O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares. *Paidéia*, 23, (54), 21-29.
- Crepaldi, M.A., Vieira, M.L., Bossardi, C.N., Gomes, L.B., & Bolze, S. D. A. (2013). Manual Questionário de Engajamento Paterno. Manuscrito não publicado.

- Gonçalves, D. M., Stein, A. T., & Kapczinski, F. (2008). Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24 (2), 380-390.
- Hall, S. S. (2005). Change in paternal involvement from 1977 to 1997: A cohort analysis. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 34, (2), 127-139.
- Hawkins, A. J., Bradford, K. P., Christiansen, S. L., Palkovitz, R., Day, R. D., & Call, V. R. A. (2002). The Inventory of Father Involvement: A pilot study of a new measure of father involvement. *The Journal Of Men's Studies*, 10, (2), 183-196.
- Hollingshead, A.B. (1975). *Four factor index of social status*. Manuscrito não publicado.
- Estatística, I. B. G. (2013). Projeção da população do Brasil. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>.
- Juhari, R., Yaacob, S. N., & Talib, M. A. (2012). Father involvement among Malay Muslims in Malaysia. *Journal of Family Issues*, 24, (2), 208-227.
- King, V. (2003). The influence of religion on fathers' relationships with their children. *Journal of Marriage and Family*, 65, 382 – 395.
- King, V., Harris, K. M., & Heard, H. E. (2004). Racial and ethnic diversity in nonresident father involvement. *Journal of Marriage and Family*, 66,1–21.
- Lamb, M. E.; Pleck, J. H.; Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal Behavior in Humans. *American Zoologist*, 25, (3), 883-894.
- Lamb, M. E. (2010). *The role of the father in child development*. New York: Wiley.
- Lima, J. A. (2008, Fevereiro). *O tempo e as formas de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar*. Trabalho apresentado no 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança, Braga. Trabalho disponível em: http://sigarra.up.pt/fpceup/en/publs_pesquisa.show_publ_file?pct_gdoc_id=4843
- Manfroi, E. C., Macarini, S. M. & Vieira, M. L (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21, (1), 59–69.
- Marsiglio, W., & Pleck, J.H. (2005). Fatherhood and masculinities. In R.W. Connell, J. Hearn, & M. Kimmel (Eds.), *The handbook of studies on men and masculinities* (pp. 249-269). Thousand Oaks CA: Sage.

- McBride, B. A., Schoppe, S. J., & Rane, T. R. (2002). Child characteristics, parenting stress, and parental involvement: Fathers versus mothers. *Journal of Marriage and Family*, 64, 998–1011.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3, (26), 395-409.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Costa, I. P., Torres, N. & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44, (1), 120-130.
- Nachmias, C., & Nachmias, D. (1996). *Research methods in the social sciences*. London: Arnold.
- Nunes, S. A. N., & Vieira, M. L. (2009). Fundamentos históricos e epistemológicos do comportamento paterno. *Psicologia Argumento, Curitiba*, 27, (57), 103-115.
- Pancsofar, N. Vernon-Feagans, L. Odom, E.C. (2013). Work characteristics and fathers' vocabulary to infants in African American families. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 34(2): 73–81.
- Papalia, D. E., Feldman, R. D., & Olds, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Paquette, D., Bolte, C., Turcotte, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: defining and associated variables. *Infant and Child Development*, 9, 213-230.
- Perry, A. R., Harmon, D. K., & Leeper, J. (2011). Resident black father's involvement: a comparative analysis of married and unwed, cohabitating fathers. *Journal of Family Issues*, 33, (6), 695-714.
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Costa, I. P. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 4, (28), 565-580.
- Prado, J. C., & Abrão, J. L.F. (2014). Paternidade: um estudo sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro. *Colloquium Humanarum*, 11, (1), 94-112.
- Prado, A. B., Piovanotti, M. R. A., & Vieira, M. L. (2007). Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 41–50.
- Pleck, J. H. (2010). Paternal Involvement: revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In Lamb, T. (Eds.). *The role of the father in child development*, 5th ed. New York: Wiley.

- Piccinini, A. C., Alvarenga, P., & Marin, H. A. (2013). Child-Rearing Practices of Brazilian Mothers and Fathers: Predictors and Impact on Child Development. In: Seidl de Moura, M. L. (Org.). Parenting in South American and African Contexts. InTech, 2013, p. 17-33.
- Reich, N. (2012). Fathers' childcare: The difference between participation and amount of time. *HWWI research paper*, 116.
- Rienks, S. L., Wadsworth, M. E., Markman, H. J., Einhorn, L., & Etter, E. M. (2011). Father involvement in urban low-income fathers: baseline associations and changes resulting from preventive intervention. *Family Relations*, 60, (2), 191-204.
- Seabra, K. S., & Seidl-de-Moura, M. L. (2012). Cuidados paternos nos primeiros três anos de vida de seus filhos: um estudo longitudinal. *Interação em Psicologia*, 15, (2), 135-147.
- Schneebeli, F. C. F., & Menandro, M. C. S. (2014). Com quem as crianças ficarão?: Representações sociais da guarda dos filhos após a separação conjugal. *Psicologia & Sociedade*, 26, (1), 175-184.
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010). *Escala de Envolvimento Paterno: Estudo de Validação de um Instrumento*. Lisboa: Placebo.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2008). Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. *Contextos Clínicos*, 1, (2), 61-71.
- Souza, C. B. S. & Moreira, L. V. C. (2012, Setembro). *Família e trabalho: o (des) compasso entre convivência conjugal, cuidados com os filhos pequenos e atividades profissionais*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Niterói. Trabalho disponível em: <http://www.aninter.com.br/ANAIS%20I%20CONITER/GT17%20Estudos%20de%20fam%EDlia%20e%20gera%E7%F5es/FAM%CDLIA%20E%20TRABALHO%20-%20Trabalho%20completo.pdf>.
- Storhaug, A. S. (2013). Fathers' involvement with the Child Welfare Service, *Children and Youth Services Review*.
- Tudge, J. R.H. & Frizzo, G.F. (2002). Classificação baseada em Hollingshead do nível socioeconômico das famílias do estudo longitudinal de Porto Alegre: da gestação à escola. Manuscrito não publicado.

- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro*, 66 (2), 36-52.
- Vieira, M.L, Rímoli, A.O., Prado, A.B. & Chelini, M.O. (2009). Cuidado e responsividade parentais: uma análise a partir da Teoria da História de Vida e da Teoria do Investimento Parental. In: Emma Otta, M.E.Y. (org). *Psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, (2), 181-186.

ANEXO A

Crêterios de Hollingshead adaptados por Tudge e Frizo (2002).

Nível de ocupa o, de acordo com Hollingshead (para mais detalhes recorrer ao manual)

- 1 Trabalhadores de fazendas, empregados domésticos
- 2 Trabalhos que não exigem habilidades especiais (*unskilled workers*)
- 3 Operadores de máquinas e trabalhos que exijam poucas habilidades (*semiskilled workers*)
- 4 Proprietários de pequenas empresas, trabalhadores com habilidades manuais, artesãos, arrendatários de fazendas
- 5 Auxiliares de escritório, balconistas, proprietários de pequenas fazendas ou empresas
- 6 Técnicos, proprietários de pequenos negócios
- 7 Proprietários de pequenas empresas, proprietários de fazendas, gerentes
- 8 Administradores, proprietários de empresas de médio porte
- 9 Executivos, proprietários de grandes empresas e demais profissionais de curso superior

Nível de educa o, de acordo com Hollingshead (sugestões para o Brasil)

- 1 Ensino fundamental incompleto
- 2 Ensino fundamental completo
- 3 Ensino médio incompleto
- 4 Ensino médio completo
- 5 Ensino superior incompleto (mínimo um ano)
- 6 Ensino superior completo
- 7 Pós-gradua o

ANEXO B

Caso	Ocupação Pai	Tipo Ocp	Esc Pai	Tipo Esc	Escore	Ocupação Mãe	Tipo Ocp	Esc Mãe	Tipo Ocp	Escore	Escore NSE Família
1	Bancário	5	Pós-graduação	7	46	Psicóloga	9	Pós-graduação	7	66	56
2	Auxiliar Administrativo	5	Superior incompleto	5	40	Enfermeira	8	Superior completo	6	58	49
3	Analista de sistemas	7	Superior completo	6	53	Corretora de Imóveis	7	Superior completo	6	53	53
5	Professor universitário	9	Doutorado Completo	7	66	Professora universitária	9	Doutorado completo	7	66	66
6	Músico	8	Superior completo	6	58	Musicista	8	Superior incompleto	5	55	56,5
7	Oficial de Justiça	6	Superior completo	6	48	Aeroportuária	6	Ensino superior completo	6	48	48
8	Policial militar	3	Superior completo	6	33	Professora Ed. Infantil	7	Pós-graduação	7	56	44,5
10	Técnico em eletromecânica	6	Superior completo	6	48	Relações Públicas	7	Pós-graduação	7	56	52
11	Empresário	7	Ensino M. completo	4	47	Professora E. Médio	8	Pós-graduação	7	61	54
12	Assistente contábil	5	Superior incompleto	5	40	Não trabalha				0	40
13	Motorista de ônibus	3	Ensino M. completo	4	27	Agente de crédito	7	Ensino médio completo	4	47	37
14	Professor Ensino Médio	8	Pós-graduação	7	61	Professora E. Médio	8	Superior completo	6	58	59,5
16	Gerente (serviços de Engenharia da Prefeitura)	8	Pós-graduação	7	61	Contadora	8	Pós-graduação	7	61	61
17	Professor Educação Física	8	Superior completo	6	58	Não trabalha				0	58
19	Representante Comercial (Indústria farmacêutica)	6	Superior completo	6	48	Representante comercial	6	Ensino médio completo	4	42	45
20	Gerente unidade operacional Correios	7	Superior incompleto	5	50	Professora Ensino Fundamental 1	7	Ensino superior incompleto	5	50	50
21	Agente de higienização	1	Ensino M. completo	4	17	Vendedora autônoma (Avon)	5	Ensino M. incompleto	3	34	25,5

22	Motorista de ônibus	3	Ensino M. completo	4	27	Não trabalha		Ensino M. completo		0	27
23	Motorista condução escolar/turismo	3	Ensino M. completo	4	27	Animadora/ Recreadora (hotel)	5	Ensino M. incompleto	3	34	30,5
24	Torneiro mecânico (autônomo)	4	Ensino F. incompleto	1	23	Não trabalha		Ensino F. incompleto		0	23
25	Policial militar	3	Superior incompleto	5	30	Não trabalha		Ensino M. completo		0	30
27	Policial militar	3	Ensino M. completo	4	27	Não trabalha		Ensino M. completo		0	27
28	Motorista de ônibus	3	Ensino F. incompleto	1	18	Balconista de lanchonete	2	Ensino M. completo	4	22	20
29	Propagandista	6	Pós-graduação	7	51	Analista de logística	8	Pós-graduação	7	61	56
30	Manobreiro	2	Ensino M. completo	4	22	Não trabalha		Ensino M. incompleto		0	22
31	Manobreiro	2	Ensino M. completo	4	22	Vendedora autônoma (roupa, perfume)	5	Ensino M. completo	4	37	29,5
32	Manobreiro	2	Ensino M. completo	4	22	Professora (E. Infantil)	7	Ensino M completo	4	47	34,5
34	Segurança (unidade Corpo de Bombeiros)	3	Ensino M. completo	4	27	Operadora de telemarketing	5	Ensino S. incompleto	5	40	33,5
35	Chefe do Setor de Licitações - Corpo de Bombeiros	8	Ensino S. completo	6	58	Coordenadora do Setor de Comunicação Social - servidora pública	8	Ensino S. completo	6	58	58
36	Chefe da Seção de Planejamento Operacional - Corpo de Bombeiros	8	Ensino S. completo	6	58	Nutricionista	9	Ensino S. completo	6	63	60,5
37	Gerente de Agência Bancária	8	Pós-graduação	7	61	Gerente de Relacionamento - Agência Bancária	8	Ensino S. completo	6	58	59,5
38	Coletor de lixo	2	Ensino F. incompleto	1	13	Operadora de telemarketing	5	Ensino M. completo	4	37	25
39	Eletricista de manutenção predial	4	Ensino M. completo	4	32	Caixa de supermercado	5	Ensino S. incompleto	5	40	36
40	Motorista caminhão de lixo	3	Ensino M. completo	4	27	Gerente de Casa Lotérica	6	Ensino M. completo	4	42	34,5
41	Coletor de lixo	2	Ensino F. incompleto	1	13	Operadora de caixa	5	Ensino M. completo	4	37	25
42	Coletor de lixo	2	Ensino M. completo	4	22	Assistente de merendeira	2	Ensino F. completo	2	16	19
43	Coletor de lixo	2	Ensino F. incompleto	1	13	Não trabalha				0	13
44	Serviços gerais predial	1	Ensino F. incompleto	1	8	Diarista	1	Ensino F. incompleto	1	8	8

45	Motorista caminhão de lixo	3	Ensino M. completo	4	27	Não trabalha		Ensino F. completo		0	27
46	Auxiliar de manutenção de veículos	5	Ensino M. completo	4	37	Consultora financeira	7	Ensino M. completo	4	47	42
47	Supervisor de operações de coleta	6	Ensino S. incompleto	5	45	Dona de livraria evangélica	4	Ensino M. completo	4	32	38,5
48	Pedreiro	2	Ensino F. incompleto	1	13	Vendedora Avon	5	Ensino F. incompleto	1	28	20,5
49	Carpinteiro	4	Ensino M. incompleto	3	29	Não trabalha		Ensino M. completo		0	29
50	Motorista	3	Ensino M. completo	4	27	Não trabalha		Ensino M. completo		0	27
51	Pedreiro	2	Ensino M. completo	4	22	Técnicas em enfermagem	4	Ensino M. completo	4	32	27
52	Montador de andaime	2	Ensino M. incompleto	3	19	Não trabalha		Ensino M. incompleto		0	19
54	Operador de guindaste	4	Ensino M. completo	4	32	Analista de RH	8	Pós-graduação	7	61	46,5
56	Carpinteiro	4	Ensino M. incompleto	3	29	Não trabalha		Ensino F. incompleto	1	3	29
57	Ring (auxiliar de movimentação de carga)	2	Ensino M. incompleto	3	19	Doméstica	1	Ensino F. incompleto	2	11	15
59	Ajudante prático de carpinteiro	2	Ensino F. completo	2	16	Caixa de supermercado	5	Ensino M. completo	4	37	26,5
60	Ajudante prático serviços gerais	2	Ensino F. incompleto	1	13	Não trabalha		Ensino F. incompleto		0	13
61	Pedreiro	2	Ensino M. incompleto	3	19	Cabelereira	3	Ensino F. incompleto	2	21	20
62	Mecânico	4	Ensino F. incompleto	2	26	Não trabalha		Ensino F. completo			26
63	Motorista	3	Ensino S. incompleto	5	30	Professora (Alfabetização)	7	Ensino S. incompleto	5	50	40
64	Promotor de vendas	6	Ensino M. completo	4	42	Não trabalha		Ensino M. completo		0	47
65	Montador de andaime	2	Ensino M. incompleto	3	19	Não trabalha		Ensino M. incompleto		0	19
67	Pedreiro	2	Ensino F. incompleto	2	16	Merendeira	2	Ensino M. incompleto	3	19	17,5
69	Servente	2	Ensino M. incompleto	3	19	Não trabalha		Ensino F. incompleto		0	19
70	Guarda municipal	3	Ensino S. completo	6	33	Professora Educação infantil	7	Pós-graduação	7	56	44,5
71	Carpinteiro	4	Ensino M. incompleto	3	29	Auxiliar de serviços gerais	1	Ensino F. incompleto	2	11	20
72	Guarda municipal	3	Ensino S. completo	6	33	Supervisora de recepção	5	Ensino M. completo	4	37	35
73	Professor de História	7	Ensino S. completo	6	53	Confeiteira	2	Ensino M. completo	4	22	37,5
74	Guarda municipal	3	Ensino S. completo	6	33	Não trabalha		Ensino S. completo		0	33
75	Guarda municipal	3	Ensino S. incompleto	5	30	Auxiliar administrativo	5	Ensino M. completo	4	37	33,5

76	Guarda municipal	3	Ensino S. incompleto	5	30	Não trabalha		Ensino M. completo		0	30
77	Carpinteiro	4	Ensino F. completo	2	26	Não trabalha		Ensino M. incompleto		0	26
78	Encarregado de produção	4	Ensino M. completo	4	32	Não trabalha		Ensino F. incompleto		0	52
79	Secretário	5	Superior incompleto	5	40	Não trabalha		Ensino M. completo		0	40
80	Técnico em contabilidade	6	Superior incompleto	5	45	Não trabalha		Ensino S. incompleto		0	44,5
81	Chef de cozinha	2	Ensino M. completo	4	22	Dona de armarinho	4	Ensino M. completo	4	32	27
82	Pintor industrial	3	Ensino M. completo	4	27	Não trabalha		Ensino M. incompleto		0	27
83	Porteiro de condomínio residencial	3	Ensino M. completo	4	27	Não trabalha		Ensino M. completo		0	27
84	Assistente administrativo	5	Superior completo	6	43	Não trabalha		Ensino F. incompleto		0	21,5
85	Cobrador de ônibus	5	Ensino M. completo	4	37	Supervisora de caixa	5	Ensino M. completo	4	37	37
86	Cobrador de ônibus	5	Ensino M. completo	4	37	Técnica em telecomunicações	6	Ensino médio	4	42	39,5
87	Cobrador de ônibus	5	Ensino M. incompleto	3	34	Vendedora (autônoma)	5	Ensino F. incompleto	2	31	32,5
89	Operador de monitoramento	4	Ensino M. completo	4	32	Doméstica	1	Ensino M. incompleto	3	14	23
90	Operador de monitoramento	4	Ensino M. completo	4	32	Balconista de farmácia	3	Ensino S. incompleto	5	30	31
91	Supervisor de operações	6	Ensino S. completo	6	48	Não trabalha		Ensino S. completo		0	48
92	Empresário (dono de centro automotivo)	7	Ensino S. completo	6	53	Contadora	8	Ensino S. completo	6	58	55,5
93	Comerciante (Oficinas)	7	Ensino S. completo	6	53	Supervisora de curso de nível superior	9	Pós-graduação	7	66	59,5

ANEXO C

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IPS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA -

PPGPSI



MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o senhor para participar da pesquisa O envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos, sob a responsabilidade da pesquisadora Patrícia Alvarenga, a qual pretende investigar como os pais participam da criação dos filhos.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista sobre como o senhor participa do dia-a-dia de seu filho, informações sobre sua saúde, seu trabalho e sua família. O risco decorrente de sua participação na pesquisa refere-se ao surgimento de desconforto psicológico (tristeza ou angústia), caso alguma pergunta da entrevista suscite lembranças negativas.

Caso isso ocorra, o senhor poderá interromper sua participação na pesquisa, bem como poderá ser encaminhado para a realização de acompanhamento psicológico junto ao Serviço de Psicologia da UFBA, que é gratuito. Todavia, se o senhor aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão de como o pai participa da criação do filho e influencia o desenvolvimento infantil.

Se depois de consentir em sua participação o senhor desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O senhor não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os dados da pesquisa serão armazenados durante o período de cinco anos, analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o senhor poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (71) 3283-6480, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Escola de Enfermagem - UFBA, na Rua Augusto Viana, s/n, Sala 435 - Canela - Salvador, Bahia, telefone (71) 3283-7615.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, pai de _____ fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Salvador, ___/___/2014.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

ANEXO D

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IPS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA -

PPGPSI



MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO

FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Nome do Pai			
Idade do pai			
Nome da criança:			
Data de nascimento:			
Sexo da criança:			
O seu (a) filho (a) é portador (a) de alguma necessidade especial ou doença crônica? Se sim, qual?			
Você tem outros filhos? Quantos? Preencher o quadro abaixo.			
Idade	Sexo	Idade	Sexo
1.		5.	
2.		6.	
3.		7.	
4.		8.	
Em relação a criança (nome da criança), atualmente, você (especificar quantas horas por semana):			
<input type="checkbox"/> Mora com a criança.			
<input type="checkbox"/> Não mora com a criança, mas tem contato com ela diariamente.			
<input type="checkbox"/> Não mora com a criança, mas fica com ela no fim-de-semana (ex. pega a criança no sábado e entrega no domingo).			
<input type="checkbox"/> Não mora com a criança, mas tem contato com ela pelo menos três vezes por semana.			
<input type="checkbox"/> Não mora com a criança, mas tem contato com ela uma vez por semana.			
<input type="checkbox"/> Não mora com a criança, mas tem contato com ela mais ou menos duas vezes por mês.			
<input type="checkbox"/> Raramente tem contato com a criança			
<input type="checkbox"/> Não tem mais nenhum contato com a criança			
<input type="checkbox"/> Outra			
Você estudou até que série?			
O que você faz?			
Você trabalha quantas horas por semana?			
Qual é o seu horário de trabalho?			

Estado civil:					
Você frequenta alguma religião? Qual?					
Você mora com a mãe da criança? () Sim () Não Se sim, há quanto tempo?					
Idade da mãe da criança:					
Até que série ela completou na escola?					
Ela trabalha? () Sim () Não.					
O que ela faz?					
Ela trabalha quantas horas por semana?					
Qual é o horário de trabalho dela?					
A sua esposa é portadora de alguma necessidade especial ou doença crônica? Se sim, qual?					
Qual é a renda familiar?					
Até 1 salário mínimo		De 6 a 9 Salários mínimos			
De 1 a 3 salários mínimos		De 9 a 12 salários mínimos			
De 3 a 6 salários mínimos		De 12 a 15 salários mínimos			
Outro:					
Quantas pessoas moram na sua casa?					
Preencher o quadro abaixo com as informações de quem mora na casa:					
Grau de parentesco com o pai	Idade	Sexo	Grau de parentesco com o pai	Idade	Sexo
1.			4.		
2.			5.		
3.			6.		
Telefones:					
Alternativa de contatos:					
Local e data da entrevista:					

ANEXO E



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
 INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IPS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA -
 PPGPSI



MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO

Questi
 onário

**de Engajamento Paterno – QEP (versão original ProsPère citado e adaptado por
 Bossardi, Gomes, Vieira & Crepaldi, 2013)**

Temos aqui a lista de atividades ou tarefas que os pais podem executar. Pode ser que sua companheira se ocupe mais que você de certos aspectos da vida da sua família, e não de outros aspectos.

Responda com que frequência você mesmo faz cada uma das atividades abaixo.

Nunca	Uma vez por mês	2 ou 3 vezes por mês	Uma vez por semana	Várias vezes por semana	Todos os dias	Não se aplica
1	2	3	4	5	6	0

1. Preparar as refeições.	
2. Dar de comer ou beber a seu/sua filho (a).	
3. Brincar de lulinha com seu/sua filho (a).	
4. Lavar a louça.	
5. Dar banho em seu/sua filho (a).	
6. Fazer cócegas em seu/sua filho (a).	
7. Vestir seu/sua filho (a).	
8. Assistir com ele/ela um programa infantil na televisão.	
9. Lavar roupa.	
10. Colocar seu/sua filho (a) na cama à noite.	
11. Escutar música com seu/sua filho (a).	
12. Supervisionar a rotina matinal (café da manhã, vestimenta, etc).	
13. Brincar com seu/sua filho (a) nas costas (cavalinho).	
14. Cuidar dos cabelos de seu/sua filho (a) (lavar, pentear).	
15. Fazer seu/sua filho (a) rir.	
16. Pegá-lo (a) no colo quando ele (a) pede.	
17. Contar a seus colegas de trabalho ou amigos, coisas engraçadas que seu/sua filho (a) tenha feito ou dito.	
18. Corrigir comportamento de seu/sua filho (a).	
19. Reprender seu/sua filho (a) que ele perturba ou incomoda.	
20. Elogiar quando ele/ela se comporta bem ou tem um ato educado.	
21. Limpar a casa (vassoura, aspirador, tirar o pó).	
22. Acariciar, afagar o seu/sua filho (a).	

23. Fazer seu/sua filho (a) participar das atividades dos adultos (cozinha, limpeza).	
24. Repreender seu/sua filho (a) quando ele desobedece.	

Nunca	De vez em quando	Regularmente	Quase sempre	Sempre	Não se aplica
1	2	3	4	5	0

25. Acompanhar seu/sua filho (a) na casa de amigos, parentes ou vizinhos.	
26. Levar o lixo para fora.	
27. Ir ao parque com seu/sua filho (a).	
28. Lavar as orelhas de seu/sua filho (a).	
29. Falar de seu/sua filho (a) aos seus amigos, vizinhos e colegas de trabalho, etc.	
30. Se ocupar do conserto do carro.	
31. Passear com seu/sua filho (a).	
32. Garantir que a casa seja segura para seu/sua filho (a) (proteção de escadas, tomadas, quinas de móveis).	
33. Ensinar esportes a seu/sua filho (a) (nadar, patinar, andar de bicicleta, jogar bola, etc).	
34. Ajeitar a casa (decoração, consertos, etc.).	
35. Cuidar de seu/sua filho (a) quando ele (a) está doente.	
36. Falar de alegrias ou de problemas com seu/sua filho (a).	
37. Tranquilizar seu/sua filho (a) quando ele tem medo.	
38. Pensar em seu/sua filho (a) quando ele não está com você.	
39. Levar ao médico ou a outros profissionais da saúde quando seu/sua filho (a) tem necessidade.	
40. Olhar seu/sua filho (a) quando ele brinca no jardim ou na rua.	
41. Fazer compras (móveis, roupas, objetos diversos para casa, etc.)	
42. Dar primeiros socorros quando o seu/sua filho (a) se machuca.	
43. Punir o seu/sua filho (a) quando ele (a) faz algo de errado.	
44. Levantar à noite para atender seu/sua filho (a).	
45. Propor brincadeiras educativas para seu/sua filho (a).	
46. Tentar saber de seu/sua filho (a) se algo está errado com ele (a).	
47. Parabenizar seu/sua filho (a) quando ele (a) consegue fazer algo.	
48. Consolar seu/sua filho (a) quando ele (a) chora.	
49. Programar a compra de coisas necessárias para seu/sua filho (a) (roupas, sapatos, remédios).	
50. Acalmar seu/sua filho (a).	
51. Olhar fotos de seu/sua filho (a).	
52. Dizer a seu/sua filho (a) que o (a) ama.	
53. Incentivar seu/sua filho (a) quando ele/ela consegue fazer algo difícil.	
54. Lembrar-se de seu/sua filho (a) quando ele (a) era mais novo (a).	
55. Intervir rapidamente quando seu/sua filho dá sinais de dificuldade ou desconforto.	
56. Mostrar novos brinquedos para seu/sua filho.	

ANEXO F**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA**

INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IPS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA -

PPGPSI

**MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO****SRQ-20**

O senhor poderia, por favor, responder às seguintes perguntas a respeito de sua saúde:

01- Tem dores de cabeça frequentes?	1- Sim	2- Não
02- Tem falta de apetite?	1- Sim	2- Não
03- Dorme mal?	1- Sim	2- Não
04- Assusta-se com facilidade?	1- Sim	2- Não
05- Tem tremores de mão?	1- Sim	2- Não
06- Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)	1- Sim	2- Não
07- Tem má digestão?	1- Sim	2- Não
08- Tem dificuldade de pensar com clareza?	1- Sim	2- Não
09- Tem se sentido triste ultimamente?	1- Sim	2- Não
10- Tem chorado mais do que de costume?	1- Sim	2- Não
11- Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?	1- Sim	2- Não
12- Tem dificuldades para tomar decisões?	1- Sim	2- Não
13- Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, causa sofrimento)?	1- Sim	2- Não
14- É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	1- Sim	2- Não
15- Tem perdido o interesse pelas coisas?	1- Sim	2- Não
16- Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?	1- Sim	2- Não
17- Tem tido ideias de acabar com a vida?	1- Sim	2- Não
18- Sente-se cansado(a) o tempo todo?	1- Sim	2- Não
19- Tem sensações desagradáveis no estômago?	1- Sim	2- Não
20- Você se cansa com facilidade?	1- Sim	2- Não

A - Total de sim |__||__|

A - Total de não |__||__|

TOTAL A+B |__||__|